



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

PRISCILA MATOS COSTA

**A SÍLABA FONÉTICA DO GUINEENSE MODERNO:
A POSIÇÃO DE CODA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

PRISCILA MATOS COSTA

**A SÍLABA FONÉTICA DO GUINEENSE MODERNO:
A POSIÇÃO DE CODA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Shirley Freitas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C875s

Costa, Priscila Matos.

A sílaba fonética do Guineense moderno : a posição de Coda / Priscila Matos Costa. - 2021.
67 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shirley Freitas Souza.

1. Coda. 2. Língua guineense - Fonética. 3. Língua guineense - Ortografia e soletração.
4. Linguística - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.796657

PRISCILA MATOS COSTA

**A SÍLABA FONÉTICA DO GUINEENSE MODERNO:
A POSIÇÃO DE CODA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 13 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Shirley Freitas (Orientadora)

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade de Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Manuele Bandeira

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade de Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

M^a. Amanda Macedo Balduino

Mestra em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade de São Paulo (USP)

Dedico este trabalho e todas minhas conquistas futuras a Heitor Matos.

Você, filho, é a razão da minha luta!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a família Matos, minha base! Em especial, a minha mãe Celeste pelo exemplo de coragem que sempre foi para mim; a Ricardo pela parceria de vida, pelo incentivo nos momentos difíceis e por ser um entusiasta dos nossos sonhos.

Manifesto gratidão pela vida de Heitor, meu filho. Que transformou meu mundo e me faz um ser mais humano. O autismo não te limita filho, te faz ser mais especial.

Gratidão especial também às minhas tias Marli e Claudia pela amizade e amor incondicional, saibam que ele é recíproco. Minha sogra Célia, obrigada pela disponibilidade em cuidar do Heitor nos momentos em que eu precisei ausentar-me.

Agradeço à UNILAB por oferecer um curso de qualidade e por ter um projeto tão singular, ao PIBIC por incentivar a pesquisa universitária e à FAPESB por conceder-me bolsa por dois anos.

Gratidão aos professores da UNILAB pelo comprometimento. Gratidão especial a Manuele Bandeira, Sabrina Balsalobre e Alexandre Silveira pelo carinho durante essa jornada.

À professora Manu, agradeço mais uma vez, juntamente com a professora Amanda Balduino por aceitarem compor a minha banca examinadora.

Agradeço de forma especial a Shirley Freitas, minha orientadora, por toda atenção, carinho e dedicação. Por acreditar em meu potencial e me encorajar nos momentos mais difíceis desta construção. Saiba que conquistou uma admiradora!

Agradeço também ao GELCLA pelas constantes trocas e aprendizados, bem como aos colegas informantes pela disponibilidade, sem vocês essa pesquisa não seria possível.

Meus amigos também foram importantes, agradeço à família Dortas por me acolher como família. Obrigada por todos os momentos de descontração e reflexão que passamos juntos. A Deise, amiga desde a infância, nem sei como agradecer... É a irmã que eu não tive.

Aos amigos que conquistei nessa jornada, agradeço imensamente por compartilharmos alegrias e frustrações. Agradeço a Irlene Oliveira pelo carinho e por ser um ouvido amigo. Ao casal Carlos e Rayara, agradeço pelos nossos momentos.

Gratidão a todos que estiveram presentes e contribuíram de alguma forma para a realização dessa pesquisa e da minha jornada acadêmica.

N misti ngabau na Kriol si bu na seta
Lingu mas romantis ki n kungsi
Paki bridju di bu rostu sol dal teta

Gostaria de louvá-la em crioulo se possível
A língua mais romântica que conheço
Para que o brilho de seu rosto apareça

Ndongle Akudeta

RESUMO

A Guiné-Bissau é um país plurilíngue situado na costa ocidental do continente africano. Colonizado por Portugal, tem uma variedade do português como língua oficial. Por consequência da diversidade cultural/étnica, o país possui cerca de vinte línguas autóctones, entre elas: fula, mandinga, balanta, papel, porém, a língua franca da nação é o guineense, chamado de *kriol* por seus falantes. A situação sociolinguística do país é complexa e embora coexistam diferentes línguas no mesmo espaço, as línguas têm estatutos diferentes e o guineense é considerado um elo nacional. A respeito dessa língua, poucos estudos foram feitos até o momento, principalmente no que tange à sua fonética e fonologia. Essa pesquisa visa compreender a estrutura silábica fonética, sobretudo a posição de coda no guineense. As autoras que tratam deste assunto divergem entre si, enquanto Costa (2014) defende a existência dos seguintes segmentos fonéticos ocupando a posição de coda: [t], [m], [n], [ɲ], [ŋ], [r], [r], [s], [ʃ]; Chapouto (2014), de forma semelhante a Costa (2014), admite a existência de [l], [m], [n], [ŋ], [r], [r], [s], [ʃ], [z], e acrescenta [p], [t], [k], [f] em casos específicos de adjuntos de intensidade, porém não fica claro em que consistiriam tais adjuntos. Em relação à coda ramificada, Chapouto (2014) defende a existência dela apenas em casos raríssimos, enquanto Costa (2014) não as menciona. Após fazer uma análise de tais divergências, a pesquisa fez buscas no dicionário de Scantamburlo (2002) e coletou palavras que fizessem parte do guineense a fim de atestar a existência ou não de segmentos fonéticos consonânticos na posição estudada. Os dados que compuseram o *corpus* desta pesquisa foram gravados com falantes de guineense, estudantes da UNILAB. Após a aplicação dos testes e análise dos resultados, encontraram-se 16 segmentos: [p], [b], [t], [d], [k], [g], [f], [s], [z], [ʃ], [m], [n], [ɲ], [ŋ], [t], [r] entre coda medial e final. Esses achados mostram mais segmentos do que aqueles elencados pelas autoras estudadas, com as oclusivas surdas e sonoras podendo preencher essa posição. Além disso, também foram encontradas codas ramificadas nesta pesquisa ([bs] e [ns]) em palavras de uso comum da língua, o que mostra que a explicação de neologismos (e seu suposto estatuto especial) não é apropriada para tais casos.

Palavras-chave: Coda. Língua guineense - Fonética. Língua guineense - Ortografia e soletração. Linguística - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

Guinea-Bissau is a multilingual country located on the western coast of the African continent. Colonized by Portugal, it has a Portuguese variety as its official language. As a consequence of the cultural/ethnic diversity, the country has about twenty autochthonous languages, among them: Fula, Mandinga, Malanta, Papel, but the lingua franca of the nation is Guinean, called *Kriol* by its speakers. The sociolinguistic situation of the country is complex and although different languages coexist in the same space, the languages have different status and Guinean is considered a national link. Regarding this language, few studies have been done so far, mainly concerning its phonetics and phonology. This research aims to understand the phonetic syllabic structure, especially the coda position in Guinean. Authors dealing with this issue diverge from each other, while Costa (2014) advocates the existence of the following phonetic segments occupying the coda position: [t], [m], [n], [ɲ], [r], [r], [s], [ʃ]; Chapouto (2014), similarly to Costa (2014), admits the existence of [l], [m], [n], [ɲ], [r], [r], [s], [ʃ], [z], and adds [p], [t], [k], [f] in specific cases of intensity adjuncts, however it is not clear what such adjuncts would consist of. Regarding complex coda, Chapouto (2014) defends its existence only in very rare cases, while Costa (2014) does not mention them. After analyzing such divergences, the research searched Scantamburlo's (2002) dictionary and collected words that were part of Guinean in order to attest to the existence or not of consonant phonetic segments in the position studied. The data that made up the corpus of this research were recorded with Guinean speakers, students at UNILAB. After applying the tests and analyzing the results we found 16 segments: [p], [b], [t], [d], [k], [g], [f], [s], [z], [ʃ], [m], [n], [ɲ], [ɲ], [t], [r] between medial and final coda. These findings show more segments than those listed by the authors studied, with both voiced and voiceless plosives being able to fill this position. Moreover, complex codas ([bs] and [ns]) were also found in this research in words of common use, which shows that the explanation of neologisms (and their supposed special status) is not appropriate for such cases.

Keywords: Coda. Guinean language - Phonetics. Guinean language - Spelling and spelling. Linguistics - Guinea-Bissau.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa da África com destaque para Guiné-Bissau	18
Figura 2	Divisão política de Guiné-Bissau	20
Figura 3	Cacheu	21
Figura 4	O <i>continuum</i> do crioulo guineense	25
Figura 5	Triglossia na Guiné-Bissau	26
Figura 6	Alfabetização entre crianças de até seis anos	29
Figura 7	Guineenses de mais de seis anos que frequentam escola	30
Figura 8	Estrutura silábica	34
Figura 9	Representação do padrão (CV) na palavra ‘casa’	35
Figura 10	Representação do padrão (CCV) na palavra ‘prato’	35
Figura 11	Representação do padrão (V) na palavra ‘amor’	36
Figura 12	Representação do padrão (VC) na palavra ‘arco’	36
Figura 13	Representação do padrão (VC) na palavra ‘monstro’	36
Quadro 1	Informações socioculturais dos participantes	41
Quadro 2	Oclusivas desvozeadas	44
Quadro 3	Oclusivas vozeadas	44
Quadro 4	Fricativas desvozeadas	44
Quadro 5	Fricativa vozeada	45
Quadro 6	Nasais	45
Quadro 7	Lateral	45
Quadro 8	Róticos	45
Quadro 9	Coda ramificada	46
Quadro 10	Comparativo entre as oclusivas	51
Quadro 11	Comparativo entre as fricativas	54
Quadro 12	Comparativo entre as nasais	56
Quadro 13	Comparativo entre as propostas	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Divisão da população	18
Tabela 2	Línguas étnicas mais faladas	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

GELCLA – Grupo de Estudos em Línguas em Contato e Línguas Africanas

INE – Instituto Nacional de Estatística (Guiné-Bissau)

ONU – Organização das Nações Unidas

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	GUINÉ-BISSAU	17
2.1	ASPECTOS GEOGRÁFICOS	17
2.2	ASPECTOS HISTÓRICOS	20
2.3	ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS	23
2.3.1	Configuração sociolinguística da Guiné-Bissau	23
2.3.2	Caracterização e teorias sobre línguas crioulas e surgimento do guineense	26
2.4	ASPECTOS EDUCACIONAIS	29
3	REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA	33
3.1	A SÍLABA	33
3.2	A CODA	37
3.2.1	As oclusivas	37
3.2.2	As fricativas	38
3.2.3	As nasais	38
3.2.4	Os róticos	39
3.2.5	A lateral	40
3.2.6	A coda ramificada	40
3.3	METODOLOGIA	41
4	ANÁLISE DOS DADOS	48
4.1	AS OCLUSIVAS	48
4.1.1	As oclusivas desvozeadas	48
4.1.2	As oclusivas vozeadas	50
4.2	AS FRICATIVAS	52
4.2.1	As fricativas desvozeadas	52
4.2.2	As fricativas vozeadas	54
4.3	AS NASAIS	54
4.4	O TEPE	56
4.5	AS LATERAIS	57
4.6	A CODA RAMIFICADA	58
4.7	SÍNTESE	59

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICES	65
	APÊNDICE A – Termo de livre consentimento livre e esclarecido	66
	APÊNDICE B – Formulário pessoal do entrevistado	67

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa enfocou a coda silábica (medial e final) no guineense, com o objetivo de depreender quais segmentos fonéticos podem ocupar essa posição. Também conhecido como *kriol* pelos falantes locais, o guineense é a língua mais utilizada na Guiné-Bissau. Mesmo as pessoas que possuem uma língua nativa (fula, mandinga, papel, entre outras) como língua materna, na maioria das vezes, falam também o guineense, porém, essa realidade é contrastante com as leis nacionais segundo as quais o português é a língua oficial e de maior prestígio social.

Para realização dessa pesquisa, se fizeram necessários estudos prévios sobre a realidade guineense, nos âmbitos histórico, social, educacional e linguístico para que houvesse o entendimento desta língua. Além disso, os textos sobre a estrutura silábica do guineense, mais especificamente a posição de coda como Costa (2014) e Chapouto (2014), permitiram conhecer mais sobre esse aspecto da estrutura da língua.

Após a revisão bibliográfica, foi realizada a análise de dados retirados de Scantamburlo (2002) e posteriormente gravados com estudantes guineenses da UNILAB, *campus* dos Malês. Dividiram-se os segmentos consonânticos em grupos a fim de estudá-los de acordo com suas especificidades. Dessa forma, observamos os fones oclusivos, fricativos, nasais, róticos e laterais na posição de coda. Também foi objeto desta pesquisa a coda ramificada, aspecto ainda controverso nos estudos da língua.

O estudo se justifica, pois a coda nesta língua é um tema pouco abordado e pouco aprofundado (na verdade, o guineense em si é pouco analisado). Também as pesquisas voltadas à fonética e fonologia do guineense são raras, além disso, na maioria das vezes tais pesquisas baseiam-se nas realizações do português e mesmo assim são divergentes, não havendo consenso entre os autores.

A partir da discussão sobre a posição de coda no guineense, será possível ampliar os estudos sobre essa língua ainda pouco analisada, auxiliando a desmistificar a ideia de que o guineense é uma “língua simples” ou uma “forma errada do português”. Assim, os resultados contribuem não apenas para o guineense em si, mas, numa perspectiva mais ampla, para os estudos sobre contato linguístico em geral.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos. Este primeiro capítulo (atual) visa inserir o leitor no universo dessa pesquisa. No capítulo dois (Guiné-Bissau) serão apresentados aspectos geográficos, históricos, sociolinguísticos e educacionais, a fim de traçar um retrato do país e do contexto da língua franca da Guiné-Bissau, o guineense.

O capítulo três (Referencial teórico e metodologia) abordará a sílaba, a coda e a metodologia utilizada no desenvolvimento desse estudo. No que tange à estrutura da sílaba, serão utilizados inicialmente autores que tratam desta no português, passando em seguida para os autores que falam da coda no guineense: Chapouto (2014), Costa (2014), Chapouto e Pereira (2019).

Na sequência no capítulo quatro (Análise dos dados), falaremos dos resultados encontrados a partir da análise dos dados coletados. Para isso, dividimos esta seção por segmentos como mencionados acima: oclusivos, fricativos, nasais, róticos, laterais e por fim a coda ramificada. Após a discussão, será apresentado um quadro comparativo entre os achados das autoras estudadas e a presente pesquisa.

Finalizando, o capítulo cinco (Considerações Finais) trará algumas considerações gerais, bem como uma síntese dos resultados obtidos nessa pesquisa. Também serão apresentados desdobramentos na continuidade dos estudos fonéticos e fonológicos do guineense.

2 GUINÉ-BISSAU

Este capítulo apresentará uma contextualização geográfica, histórica, sociolinguística e educacional da Guiné-Bissau a fim de dar um entendimento da importância do guineense para o país. Na seção 2.1 serão abordados aspectos geográficos relevantes extraídos do último Censo, divulgados pelo INE (Instituto Nacional de Estatística). Ademais serão trazidas informações sobre população, clima, atividades econômicas além da divisão político-administrativa.

A seção 2.2 abordará aspectos históricos da região conhecida como Guiné-Bissau, sua invasão e colonização, bem como de que forma tal fato se relaciona com o surgimento do guineense. Posteriormente será trazido um recorte histórico do surgimento do guineense, sua disseminação no país e sua consolidação no período da luta armada pela independência.

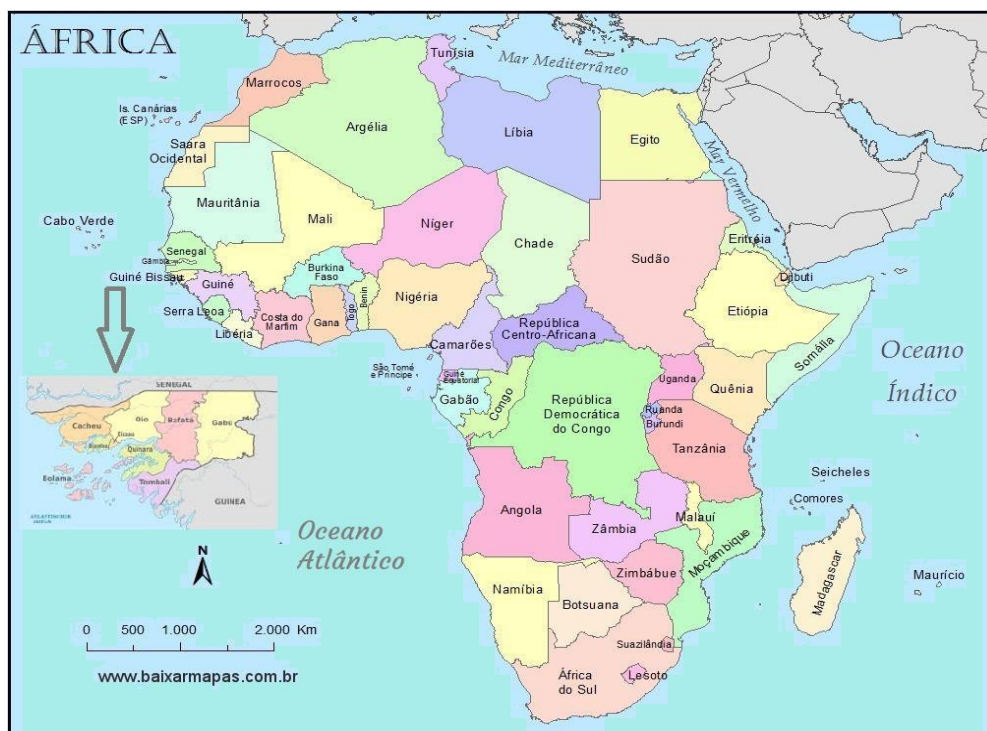
A seção 2.3 estará subdividida entre os aspectos sociolinguísticos e a caracterização de uma língua crioula. A subseção 2.3.1 falará das características sociolinguísticas no período colonial, dando destaque ao papel dos lançados na disseminação do português na Guiné-Bissau. Em seguida será abordada a estigmatização do guineense e como ele conseguiu se consolidar como elo nacional durante a independência. Ao fim desta subseção serão trazidos aspectos sociolinguísticos atuais, demonstrando a importância do guineense para a sociedade local. Na subseção 2.3.2 serão abordadas algumas teorias sobre o surgimento do guineense e a caracterização do que é uma língua crioula.

Finalizando este capítulo, a seção 2.4 trará aspectos educacionais. Serão discutidos os baixos índices educacionais do país e a influência do uso da língua portuguesa nesses resultados. Em seguida serão trazidas as questões sócio-históricas que dificultam a educação até os dias atuais. Na sequência serão apresentados pontos de vista e autores a respeito da implementação do ensino bilíngue e alfabetização em língua materna. Encerrando a sessão, será apresentado um modelo de escola bilíngue que representa um avanço para educação do país, provando que as questões educacionais da Guiné-Bissau estão relacionadas com questões extra-pedagógicas, uma questão de dominação.

2.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Com cerca de 36.125 km² de território, a Guiné-Bissau é um país do continente africano, situado na costa ocidental, fazendo fronteira com o Senegal a norte, Guiné-Conacri a leste, além de ser banhado, ao sudoeste, pelas águas do oceano Atlântico (INE, 2009). Na figura 1, é possível ver a localização da Guiné-Bissau dentro do continente africano.

Figura 1: Mapa da África com destaque para Guiné-Bissau



Fonte: <<https://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-africa/>> e <<https://www.mapsofworld.com/guinea-bissau/guinea-bissau-political-map.html>>.

No que tange à população, ainda de acordo com o INE (2009), a Guiné-Bissau contava com 1.569.121 habitantes em 2018, um aumento de 2,2% em relação aos dados de 2009 (1.442.227 habitantes), sendo que apenas 0,1% destes são estrangeiros residentes no país, e a maior parte da população vive na Capital, Bissau, local de maior desenvolvimento do país. Na tabela 1, podemos analisar a divisão populacional do país.

Tabela 1: Divisão da população

Estrangeiros (0,1%)	15.850
Guineenses (99,9%)	1.569.121
TOTAL	1.584.971
Habitantes de outras regiões (25%)	396.243
Habitante da Capital Bissau (75%)	1.188.728

Fonte: A autora a partir de dados do INE (2009)

A Guiné-Bissau possui clima tropical, geralmente quente e úmido com apenas duas estações distintas, o que propicia o cultivo do principal bem da economia local, a castanha de caju. Segundo informações do INE (2009), a agricultura tem sido, tanto no passado como nos

dias atuais, o fator principal e base da economia das comunidades étnicas da Guiné-Bissau, constituindo-se atividade fundamental da população guineense.

Deste ramo de actividade destaca-se a produção de castanha de caju, cuja exportação, apesar da queda do seu preço no mercado internacional, sofreu aumento significativo. Ainda sobre o caju, deve referir-se que o país é o seu 5º produtor mundial, o que lhe confere benefícios financeiros e consequentemente a melhoria da sua situação interna e externa. (INE, 2009, p.17)

As principais atividades econômicas desenvolvidas no país são: agricultura, com o destaque à produção e exportação da castanha de caju; a prestação de serviços e a indústria.

A Guiné-Bissau é um país de democracia representativa, ou seja, indireta, em que o poder subdivide-se em três: executivo; legislativo e judiciário. Porém o país encontra-se em situação de instabilidade política:

O mais marcante dos períodos difíceis da sua história é a paralisação registrada na segunda metade da década de noventa do século transacto devido ao conflito político-militar. Não obstante, e decorridos já um pouco mais de uma década, o país não foi capaz de superar a instabilidade política gerada pelo referido conflito. O permanente clima de incerteza política, a sucessão de governos com período de vida que não excedia dois anos, resultaram na incapacidade de dar continuidade às políticas e aos programas do Governo. Um dos principais problemas resulta do facto de que o poder político não consegue exercer as suas funções em pleno porque o estado democrático, que nasce das urnas, é tutelado pelo poder militar. (INE, 2009, p. 16)

Tal fragilidade faz com que o país muitas vezes recorra a grupos parceiros como, por exemplo, a CPLP (Comunidade dos Países de Língua portuguesa) na tentativa de manter o estado democrático que tanto se deseja alcançar. Administrativamente, a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali, além do Setor Autónomo de Bissau (capital), de acordo com a figura a seguir. Tais regiões são dirigidas por Governadores Regionais sob tutela do Ministério da Administração Territorial.

Figura 2: Divisão política de Guiné-Bissau



Fonte: <mapsofworld.com>

2.2. ASPECTOS HISTÓRICOS

Para entendermos o contexto histórico da Guiné-Bissau, faz-se necessário regressarmos no tempo para conhecer um pouco da sua formação.

A história da região correspondente à Guiné-Bissau confunde-se em alguns momentos com a história do reino do Mali e do império do Kaabú¹. Segundo Augel (2007), a existência desses povos data do séc. XII e seu apogeu se dá entre os sécs. XIII e XIV. Ao longo da história da Guiné-Bissau esses povos se tornaram importantes economicamente além de estarem cada vez mais próximos do litoral. Tal aproximação interessou aos portugueses, que viram nessas sociedades uma oportunidade de comércio.

Sobre a chegada dos portugueses ao continente africano, data do séc. XV. Segundo Costa (2014), a Guiné-Bissau foi invadida em 1446 após uma tentativa fracassada no mesmo ano. Nesta ocasião a administração da então colônia foi estabelecida de forma integrada, contendo a Guiné-Bissau e Cabo Verde. Diferentemente de outras colônias portuguesas, na Guiné-Bissau, os portugueses não estabeleceram monoculturas como em Moçambique, muito menos estabeleceram um povoamento significativo como no Brasil.

¹ Para aprofundamento sobre o império do Kaabú e o reino do Mali, consultar Lopes (2005).

Para viabilização da comercialização de escravizados, que também contribuiu para formação de uma língua crioula na Guiné-Bissau, os portugueses criaram, anos mais tarde, as praças e os presídios. As praças eram construções fortificadas, constantemente armadas, utilizadas como barreiras e funcionavam como base da colonização por representar um centro populacional. Existiram duas praças: Bissau e Cacheu. A Figura 3 mostra a construção fortificada de Cacheu. Os presídios, por sua vez, eram construções um pouco menores, e menos armadas, mas que também contribuíram para o comércio de escravizados. Havia três presídios: Ziguinchor, Geba e Lugar do Rio Nuno.

Figura 3: Cacheu



Fonte: <<http://www.guine-bissau.tv/2014/11/cacheu-caminho-de-escravos.html>>

Ainda de acordo com Costa (2014), africanos de diferentes locais/etnias eram capturados e confinados nesses ambientes até que partissem nos navios que cruzavam o Atlântico. Muitas vezes tal confinamento era demorado, chegando a durar meses, de forma que as pessoas ali mantidas necessitavam de meios para se comunicar. Porém, como eleger, dentre diferentes línguas, uma que pudesse representar essa população?

Este ambiente multilinguístico citado por Costa (2014) é corroborado por Bandeira (2017) quando a autora defende o fato de as línguas crioulas nascerem em um ambiente multilinguístico, porém com uma língua politicamente dominante em relação a todas as outras. Na Guiné-Bissau este ambiente multilíngue parece ideal para o surgimento do guineense: o português seria a língua de prestígio político e as línguas étnicas, sem prestígio.

O guineense passou por vários períodos históricos desde a sua formação, no séc. XV, até a sua consolidação como língua nacional em meados do séc. XX. Essa trajetória perpassa desde o entreposto de escravos nas praças e presídios como já foi mencionado, bem como a contribuição dos lançados na miscigenação do país durante os séculos XVI e XVIII até a luta nacional pela independência no século XIX.

2.3 ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Esta seção está dividida em duas partes. A primeira trata da configuração sociolinguística da Guiné-Bissau e a segunda de teorias sobre a caracterização das línguas crioulas e o surgimento do guineense. Dessa forma, trataremos sobre como o guineense se desenvolveu até se tornar língua franca da nação e, dentro do contexto de caracterização das línguas crioulas, apontar possíveis teorias para o surgimento do guineense.

2.3.1 Configuração sociolinguística da Guiné-Bissau

A sociedade guineense passou por um processo de miscigenação ao longo do período colonial. Tal miscigenação se deu por conta dos lançados, tangomãs, filhos da terra e grumetes. Lançados, de acordo com Costa (2014), eram desertores ou aventureiros que se estabeleciam na região da atual Guiné-Bissau, assimilavam a cultura e o modo de vida local. Embora não se possa afirmar que todos eles fossem falantes nativos do português, sabe-se que o português deles contribuiu para a formação do guineense, eles foram também os principais responsáveis por disseminar tal língua na região.

Os filhos da terra eram conhecidos como mestiços, eram filhos dos lançados com mulheres africanas, recebiam influência das línguas étnicas, faladas por suas mães, e do português falado por seus pais. As tangomãs, por sua vez, eram esposas dos lançados, possuíam origem africana, falavam suas línguas étnicas e o maior contato com o português se dava por meio dos lançados. Por fim, os grumetes eram nativos africanos, geralmente convertidos ao cristianismo e que auxiliavam os lançados nas atividades comerciais. A partir desse contato entre o português e línguas africanas, surge o guineense. O guineense é uma língua que se forma do contato entre o português e as demais línguas nativas faladas na Guiné-Bissau. Dessa forma, durante todo período colonial, houve a disseminação do guineense na colônia, embora a língua fosse estigmatizada.

Essa estigmatização do guineense perdurou até o início do século XX quando se deu o começo do processo de luta pela independência na Guiné-Bissau, nesta ocasião, o guineense voltou a ganhar destaque, a língua passou a ser um importante veículo de comunicação entre as populações de etnias diferentes, sendo um elemento de unificação linguística necessário neste processo.

Durante as décadas de 70 e 80, pré-independência, o guineense se expande para o interior do país. De acordo com Costa (2014), um dos fatores que contribuíram para este processo de avanço do guineense foi a urbanização do país. Com ela, a língua ganha intensidade e efetividade. Nesse período ocorreram fluxos migratórios que possibilitaram a efetivação do guineense. Enquanto as pessoas vinham do interior em busca de melhores condições de vida e trabalho, profissionais deslocavam-se em sentido contrário a fim de oferecer seus serviços no interior, como, por exemplo, de educação e saúde, contribuindo para a disseminação do guineense por todo território nacional.

No final do século XX, o guineense já havia se tornado língua franca da nação, porém, em detrimento a este fato, o português foi instituído língua oficial fazendo com que a língua nacional deixasse de ganhar prestígio social. Atualmente, de acordo com o INE (2009), o guineense é a língua mais falada pela população nacional (90,4%). A população que fala o português corresponde a 27,1% e os falantes das línguas étnicas variam conforme a tabela a seguir:

Tabela 2: Línguas étnicas mais faladas

Língua étnica	%
Fula	85,5
Felupe	81,7
Balanta	78,3
Mandinga	77,7
Manjaco	76,4
Papel	73,0
Beafada	72,9
Saracolé	72,1
Bijagós	70,3
Mancanha	68,9

Fonte: INE (2009, p. 32)

Sobre os dados referentes ao português na Guiné-Bissau, acredita-se que estes estejam superestimados, pois, possivelmente, enquadram-se os falantes ativos e passivos. Os falantes ativos entendem e se comunicam com a língua, já os falantes passivos possuem algum conhecimento da língua, mas não falam. Também é preciso mencionar que entre os falantes do português contabilizados pelo INE, muitos são falantes de segunda língua (L2) ou de terceira língua (L3). Costa (2014) apresenta dados que comprovam que os falantes de português como primeira língua (L1) são cerca de 500, figurando menos de 1% da população nacional.

Sendo assim, mesmo com a língua portuguesa sendo oficial, os casos em que é falada como língua materna são raros no país, a maior parte da população da zona rural ou em pequenos centros urbanos aprende uma língua étnica como língua materna (L1) e o guineense como segunda língua (L2) ou concomitante, o português nesses casos surge como terceira língua (L3). Já nos centros urbanos, como na capital Bissau, geralmente aprende-se o guineense como primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2). Isso mostra que o português está longe de ser língua franca do país, segundo Augel (1997).

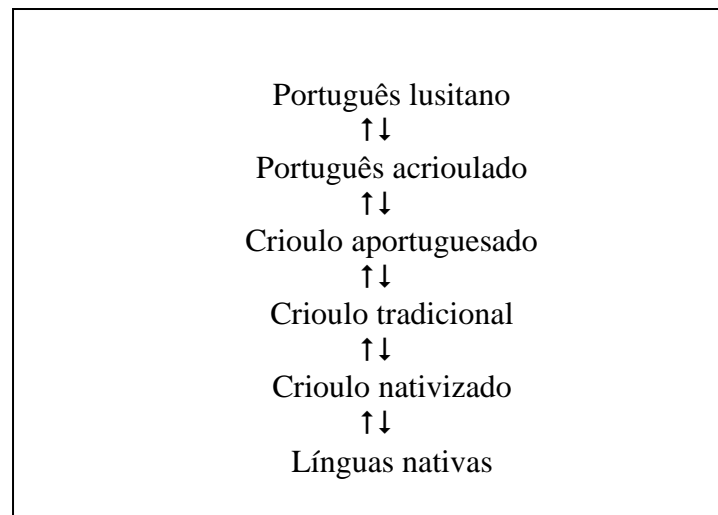
Neste cenário, o guineense se consolidou como língua franca do país e é utilizado como instrumento de comunicação nos diversos segmentos da sociedade, perpassando desde os espaços de comunicação mais simples até os mais formais. De acordo com Intumbo (2017), o guineense é utilizado por intelectuais e políticos atuantes no congresso nacional, veiculado nos meios de comunicação como rádios e TVs locais - embora exista uma dependência de Brasil e de Portugal no que tange aos programas, como as telenovelas - é amplamente aceito na cultura de modo geral, sendo utilizado na música e em cerimônias religiosas. Até mesmo no ambiente educacional, local de domínio da língua portuguesa, o guineense é recorrente, pois há casos em que professores não dominam o português ou mesmo necessitam da língua nacional para facilitar o processo de ensino/aprendizagem.

Nesse contexto de divergência alguns teóricos advogam que o guineense tende a aportuguesar-se, porém, parece arriscado traçar um perfil linguístico que define caminhos para essa língua, tão aceita e difundida por sua população, já que ela continua recebendo influências tanto do português como das línguas locais. Além disso, nota-se que esta suposta tendência de o guineense se aportuguesar parece mais uma investida política do que científica, afinal, não há dados científicos que provem esta tendência, porém, de acordo com Intumbo (2017), há diversos indícios de tentativa de aproximação, no que tange ao registro escrito, do guineense ao português.

Essa ideia corrobora com o fato de o português possuir mais prestígio social do que a língua nacional. Neste sentido, Couto e Embaló (2010) e posteriormente Costa (2014), trazem

a ideia de um *continuum*, em que é possível observar que as línguas estabelecem relações de poder uma sobre as outras. Desse modo, os autores apontam que na Guiné-Bissau fala-se o português lusitano e o colocam em posição de prestígio, da mesma forma que, segundo eles, existem ainda o português acrioulado, o crioulo aportuguesado, o crioulo tradicional, o crioulo nativizado e, por fim e com menor prestígio, as línguas nativas, conforme quadro a seguir:

Figura 4: O *continuum* do crioulo guineense



Fonte: Couto e Embaló (2010, p. 31)

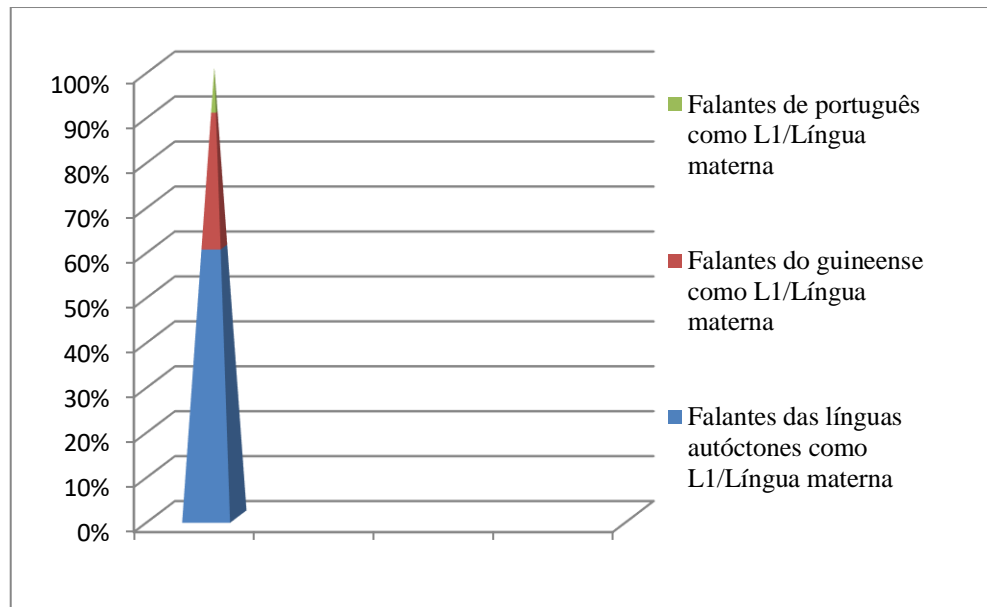
É delicado considerar tais termos, afinal, o português lusitano é falado em Portugal, na Guiné-Bissau pode ocorrer uma variedade de português, o português da Guiné-Bissau. Levando em consideração esta observação, tal afirmação não se sustenta.

Outro ponto delicado neste *continuum* é o fato de os termos utilizados atribuírem juízo de valor às línguas, em que, no nível mais elevado, estaria o português lusitano e no nível mais inferior as línguas étnicas, enquanto que, linguisticamente, tais juízos não são aceitos. Um último ponto que merece destaque, no que se refere ao *continuum*, diz respeito ao limite que cada uma das variedades faladas no país teria, não fica claro, por exemplo, até onde uma expressão seria um português acrioulado ou um crioulo aportuguesado, fazendo com que tais juízos carreguem julgamentos nada científicos.

Embora a ideia de um *continuum* na Guiné-Bissau pareça um pouco frágil, a triglossia pode ser entendida como um fenômeno aceitável. A triglossia, ou diglossia sobreposta de acordo com Mklilifi (1978 apud INTUMBO 2017), é um fenômeno em que, socialmente, as línguas se sobrepõem umas às outras. No caso da Guiné-Bissau, o país vive uma diglossia em que o português se sobrepõe em relação ao guineense e, além disso, há outra diglossia

concomitante, em que o mesmo guineense, que é subjugado em relação ao português, se sobrepõe diante das línguas étnicas (fula, mandinga, papel, etc.) como sugere a figura a seguir:

Figura 5: Triglossia na Guiné-Bissau



Fonte: A autora com base em Intumbo (2017)

Uma forma de exemplificar a situação de triglossia que a Guiné apresenta é pensar em uma pirâmide, em que a língua portuguesa estaria no topo, com grande prestígio social e poucos falantes, como a imagem acima demonstra; o guineense, logo abaixo na pirâmide, com prestígio menor e muito utilizado na sociedade e, por fim, as mais de vinte línguas étnicas faladas por uma quantidade considerável de pessoas, porém sem prestígio social.

2.3.2 Caracterização e teorias sobre línguas crioulas e surgimento do guineense

A definição de línguas crioulas é um tema em que os teóricos ainda não entraram em consenso. Bandeira (2017) apresenta uma definição dessas línguas defendendo o caráter sócio-histórico no surgimento delas e aponta algumas características que essas línguas podem apresentar. Uma língua crioula pode ser a primeira língua de uma população monolíngue ou mesmo segunda língua de uma população multilíngue, o que geralmente ocorre na Guiné-Bissau. A autora traz também a ideia de que deverá ser a língua materna de uma determinada parcela da população. No caso da Guiné Bissau, o guineense é uma das línguas de uma população multilíngue, no país, falam-se línguas autóctones, o guineense, conhecido como *kriol*

pela população local (L2) e o português. Como mencionado acima, no Setor Autônomo de Bissau, o guineense na maioria das vezes é falado como língua materna (L1).

Segundo Bandeira (2017), uma condição sociocultural indispensável na formação de uma língua crioula é a necessidade de haver falantes de diversas línguas diferentes num mesmo ambiente, com uma língua estando no domínio, enquanto as outras ficariam em posição inferior, com seus falantes subjugados. No caso dos crioulos de base portuguesa, o português teria o lugar de destaque, enquanto nenhuma das línguas étnicas faladas teria *status* de língua superior.

Também podemos citar o fator demográfico para formação de uma língua crioula como uma das características fundamentais. Os povos subjugados, autóctones, devem estar em maior quantidade e tentar alcançar a língua alvo do colonizador para estabelecer uma possível comunicação, sendo que o número extremamente reduzido de falantes da língua alvo - no caso da Guiné-Bissau, o português - funcionava como entrave neste contato.

No que tange aos diferentes tipos de línguas crioulas, Bandeira (2017) com base em Bikerton (1988) aponta três tipos: os crioulos de *plantation*, crioulos de fortaleza e os crioulos de quilombo. Enquanto o primeiro grupo de escravizados era reunido em grandes fazendas de monoculturas e obrigados a realizar trabalhos escravos, se submetendo à comunicação em língua portuguesa, o grupo que propiciou o crioulo de fortaleza atuava nos fortes, realizando transações comerciais junto aos portugueses. Esses dois grupos, segundo Bandeira (2017) em concordância com Arends (1995), sofriam uma grande pressão da língua portuguesa, pois tinham maiores necessidades da língua em relação ao terceiro grupo, os falantes de crioulos de quilombo, estes últimos sofriam menos pressão da língua portuguesa, pois tinham menos contato com a mesma. Na Guiné-Bissau não existiram fazendas de monocultura, não sendo possível o surgimento do crioulo de *plantation*, porém os entrepostos de escravos propiciaram a existência de um crioulo de fortaleza.

Ainda sobre as características das línguas crioulas, Bandeira (2017) destaca a destruição do tecido social que se dava de diferentes formas e menciona os considerados ambiente ilha. A autora defende um ponto de vista apresentado por Araujo, que diz:

os ambientes-ilha [...] podem ser uma ilha propriamente dita, uma fazenda do tipo *plantation* (com o isolamento da população subjugada), um barracão (tanto um galpão na África, onde os escravos chegavam a esperar até dois anos pela chegada dos navios-negreiros que os levariam a América ou os barracões de entrepostos como os encontrados em Curaçao) ou uma fortaleza, entre outros ambientes confinados (ARAUJO, 2011, p. 2 apud BANDEIRA, 2017, p. 3).

Desse modo, as pessoas capturadas para escravização necessitavam de uma língua para que fosse estabelecida a comunicação nesses períodos de confinamento, além disso, como já foi dito, havia uma língua de dominação que, ao passo que fosse alcançada, poderia trazer algum benefício ao escravizado.

Ainda no que tange às línguas crioulas, especificamente sobre a da Guiné-Bissau existem algumas teorias que se debruçam sobre o seu surgimento. Costa (2014) aponta atualmente quatro teorias para o surgimento da língua crioula da Guiné-Bissau, na primeira teoria o crioulo da Guiné surgiu em Cabo Verde e depois foi levado para o país; a segunda advoga o contrário, o surgimento teria se dado na Guiné e posteriormente a língua foi levada para Cabo Verde. A terceira teoria versa que a sua formação se deu a partir da evolução de um *pidgin* português e a última das teorias afirma que os crioulos portugueses da Alta Guiné (guineense e kabuverdianu) possuem um mesmo protocrioulo. Essas teorias serão discutidas na sequência, tomando Costa (2014) como base.

A primeira teoria advoga que o crioulo da Guiné-Bissau nasceu em Cabo Verde e posteriormente foi levado para o país, sendo defendida por Silva (1957), Silva (1985) e Carreira (1972). Tal teoria é discutível, pois, segundo Costa (2014), não existem registros precisos da ida de caboverdianos para Guiné-Bissau em quantidade suficiente capaz de fazê-la possível. Além disso, dados comprovam que Cabo Verde era um arquipélago de ilhas desabitadas e esta habitação se deu a partir das regiões vizinhas, por exemplo, a própria Guiné-Bissau.

A segunda teoria apresentada por autores como Parkvall (2012), e discutida por Costa (2014), opõe-se à primeira, defendendo que o guineense surgiu nas praças e presídios localizados na Guiné-Bissau e posteriormente foi levado para Cabo Verde. É notório que no período de implantação do sistema de escravidão, Cabo Verde e Guiné-Bissau eram administradas de forma unificada, e que havia um deslocamento de pessoas entre o continente e o arquipélago, porém não existem registros que possam também comprovar tais fluxos migratórios, tornando essa teoria tão frágil quanto a primeira.

A terceira teoria trazida por Costa (2014), e defendida por Naro (1978), afirma que o guineense surge a partir de um *pidgin* criado em Portugal, com o intuito de propiciar a comercialização de escravizados, e não do contato entre europeus e africanos nos espaços onde efetivamente este contato se realizou. Porém é sabido que um dos fatores primordiais para uma língua crioula surgir e se desenvolver é o contato linguístico, que seria diminuto no cenário dessa teoria.

A quarta e última teoria, defendida por Rougé (1986) e discutida por Costa (2014), afirma que não cabe voltar o nascimento dos crioulos da Alta Guiné para Cabo Verde ou Guiné-

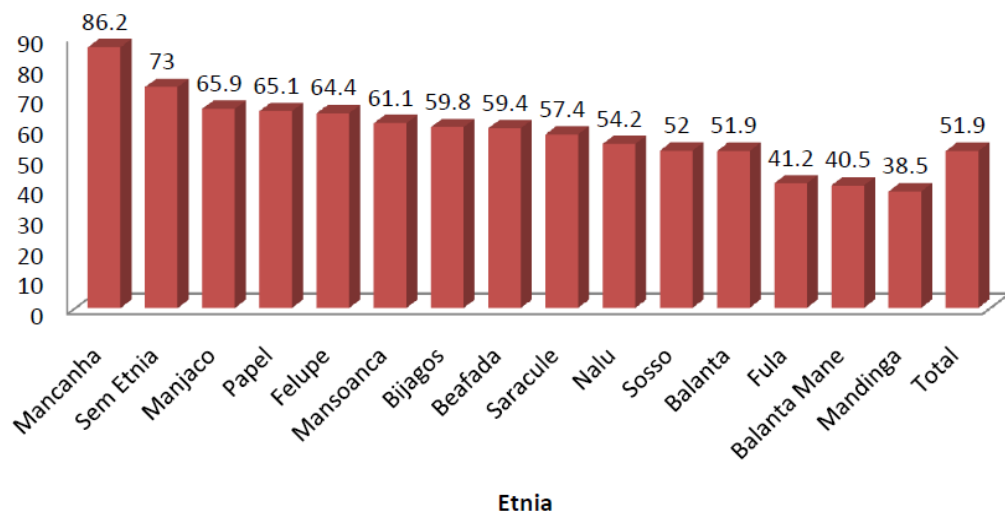
Bissau sem ter como comprovar tal teoria, o ideal é aceitar que essas línguas possuem características comuns que se justificam por terem o mesmo protocrioulo.

No contexto dessas teorias, acredita-se que, sem a certeza de ambas, seria sensato considerar que tanto o *kabuverdianu* quanto o guineense possuem um mesmo ancestral, e nasceram na mesma época numa relação de irmandade e não de sobreposição de um em relação ao outro, muito menos em um ambiente controlado, como seria caso surgisse em Portugal. Acreditamos, no momento, que a última teoria é a mais aceitável, mas neste trabalho não foi feito o aprofundamento nas teorias, pois não era o foco da pesquisa.

2.4 ASPECTOS EDUCACIONAIS

Levando em consideração o aspecto multilinguístico da Guiné-Bissau, bem como o fato de que a língua escolar é o português, não é de se espantar que o ensino do país caminhe a passos lentos. A educação nacional tem ocupado uma das piores posições no ranking mundial, embora o Censo de 2009 defenda que a maioria da população de seis (6) anos ou mais é alfabetizada (51,9%), como mostra a figura a seguir.

Figura 6: Alfabetização entre crianças de até seis anos

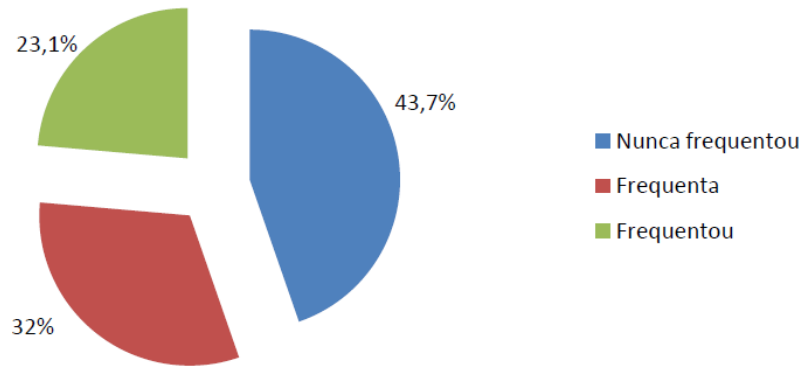


Dados: INE (2009, p. 32)

O mesmo Censo destaca, porém, que quase metade da população nacional maior que seis anos de idade nunca frequentou um estabelecimento de ensino (43,7%), conforme figura seguinte. Esses dados divergentes apontam uma fragilidade no que tange ao aspecto

educacional, pois, embora pouco mais da metade da população maior de seis anos frequente ou tenha frequentado escola, esse dado não é um indicativo de que estes indivíduos sejam de fato alfabetizados.

Figura 7: Guineenses de mais de seis anos que frequentam escola



Dados: INE (2009, p. 47)

Tendo em vista que uma parte irrisória da população tem o português como língua materna, e que o ensino formal no país se baseia nesta língua, a situação do ensino na Guiné é complicada de acordo com Algel (1997). O autor defende que, por conta dessa situação, o rendimento dos estudantes não é pleno. Essa ideia é corroborada por outros autores como Costa (2014) ao afirmar que o uso da língua portuguesa é um dos fatores do atraso educacional do país e por Intumbo (2017) quando defende que o português ser a língua do ensino contribui para esse insucesso.

Essa situação, aliada a fatores socioeconômicos como a pouca formação dos professores, a falta de unificação da ortografia do guineense e a falta de materiais didáticos nesta língua refletem diretamente no fracasso escolar do país.

Durante muitos anos, a Guiné-Bissau foi colônia portuguesa. Por consequência disso, a educação ainda carrega traços desse período, como, por exemplo, o elitismo. De acordo com Sané (2018), trata-se de um ensino colonial, ou seja, que possui bases no colonialismo português, além de não ser adaptado às necessidades da região ainda destruiu a estrutura social da nação. De acordo com o autor, a herança educacional do período colonial foi o analfabetismo.

No país figura um cenário de atraso educacional e, conseqüentemente, econômico. Augel (1997) afirma que uma saída para este problema seria a educação infantil ser ministrada

em guineense, o autor ainda defende que o português inviabiliza uma educação efetiva. Intumbo (2017) caminha também em defesa da introdução do ensino bilíngue nas escolas. Entendemos que o português em si não inviabiliza uma educação efetiva, mas a imposição de um ensino exclusivo do português, por ser irremediavelmente excludente.

Neste sentido o que é advogado por Augel (1997) e Intumbo (2017) é o mesmo defendido pela UNESCO (1953 apud INTUMBO, 2017): toda criança deverá ser alfabetizada em língua materna. Dessa forma, o ensino partiria da língua crioula/étnica e passaria por uma transição até alcançar no segundo ciclo à língua portuguesa. Os estudantes que possuem o guineense como primeira língua (L1) seriam alfabetizados nesta língua enquanto as crianças que possuem uma língua étnica (fula, mandinga, papel, etc.) como materna seriam alfabetizadas em suas respectivas línguas, aprenderiam o guineense e também o português.

De acordo com Augel (1997) e Sané (2018), foram levadas a cabo várias experiências de ensino em guineense e em outras línguas africanas (por exemplo: balanta, mandinga e fula) com poucos resultados positivos. Este fato pode ser entendido pela grande quantidade de línguas étnicas existentes em um pequeno território, como defende Augel (1997).

Intumbo (2017), por sua vez, embora seja favorável à instituição do ensino bilíngue, apresenta alguns entraves à alfabetização neste formato. O autor alega que seria necessário re-alfabetizar as pessoas que anteriormente foram alfabetizadas em português. Acreditamos que não seja necessário, numa situação dessas, imagina-se uma mudança gradativa. Dessa forma, as pessoas já alfabetizadas em português passariam por uma espécie de reciclagem não obrigatória em que aprenderiam aspectos escritos do guineense.

Não admitir a necessidade do guineense nas escolas vai de encontro à realidade nacional e a orientações da UNESCO. Segundo Costa (2014), o que ocorre na prática é que diversas vezes os professores precisam recorrer ao guineense para ensinarem em língua portuguesa, o que fortalece a defesa da inserção do guineense nas escolas.

Seguindo essa linha que defende a importância do guineense na educação, há relatos de uma escola no arquipélago dos Bijagós que adotou o modelo bilíngue de educação. Segundo Intumbo (2017), ele foi adotado pelo padre e linguista Luigi Scantamburlo, representando um pequeno avanço educacional enquanto o Congresso Nacional não opta por adotar medidas que convergem com as orientações da ONU e UNESCO, tampouco estabelece um acordo ortográfico que atenda às necessidades da língua nacional.

De antemão, sabe-se que para o guineense se consolidar como uma das línguas de ensino no país, é necessário que ocorra a sua normatização por meio de acordo ortográfico. Segundo Intumbo (2017), há um esforço por parte da igreja em criar textos escritos em guineense, porém

essa grafia se aproximaria muito do português europeu. Augel (2006) reforça essa ideia quando afirma que além da igreja, os políticos do país também se esforçam em disseminar textos em língua nacional. O problema por trás dessas ações é a tentativa de adequação do guineense com a língua portuguesa.

Na década de 1980, segundo Intumbo (2017), houve na Guiné-Bissau uma tentativa de convenção gráfica do guineense, porém não foi muito bem aceita. Esse impasse persiste na atualidade, pois, segundo Augel (1997), as propostas apresentadas divergem da opinião dos linguistas. Enquanto estes defendem uma grafia pautada em estudos científicos, o congresso insiste em aproximar a grafia guineense do português.

O que percebemos de fato, no que tange à educação, é que existem influências que vão além das reflexões pedagógicas interferindo nas decisões. Um grupo em especial que toma as decisões a respeito do país, os políticos. Porém, esta decisão faz com que a escola, no país, continue sendo seletiva e elitista, implantando uma espécie de estratificação social, defendida por Augel (1997) como “Darwinismo educacional”.

É uma emergência no país a criação de políticas de desenvolvimento educacional que visem valorizar o guineense, língua nacional. Sabe-se que diferentes fatores contribuem para o insucesso da Guiné-Bissau, entre eles a dependência do apoio externo e o elitismo dos governantes, porém é preciso entender que alcançar bons índices educacionais corrobora para o desenvolvimento socioeconômico do país e o ensino em uma língua que é elo nacional é um caminho para alcançar esse objetivo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Este capítulo será dividido em três seções. As duas seções iniciais abordarão os conceitos de sílaba e de coda respectivamente, a terceira seção tratará da metodologia utilizada nesta pesquisa.

Na seção 3.1 será trazido o conceito de sílaba e sua estruturação, de modo que cada parte da estrutura de uma sílaba seja abordada, começando pelo ataque, na sequência será falado da rima e por fim da coda, objeto desse estudo. Adiante serão apresentados alguns conceitos com base em Bisol (1996), Callou e Leite (2009) além de Hora ([20--]). A seção é finalizada com uma observação a respeito dos glides não comporem objeto desse estudo.

A seção 3.2 abordará a coda silábica com base nas teóricas Chapouto (2014), Costa (2014) e Chapouto e Pereira (2019). Para isso, a seção estará dividida de acordo com as características dos segmentos consonânticos a seguir. A subseção 3.2.1 abordará os segmentos oclusivos e apresentará semelhanças e divergências entre as autoras mencionadas. A subseção 3.2.2, por sua vez, tratará dos segmentos fricativos. Da mesma forma que o segmento anterior e os demais segmentos, a subseção analisará as semelhanças e divergências entre as autoras estudadas. Na sequência a subseção 3.2.3 abordará os segmentos nasais e a subseção 3.2.4, a lateral. Finalizando a seção, serão apresentados os segmentos róticos em 3.2.5, além da coda ramificada em 3.2.6.

A última seção falará da metodologia utilizada para realização deste estudo. Nessa seção serão justificadas as alterações entre o planejamento da pesquisa e a sua realização, também serão trazidas informações socioculturais dos participantes. Neste momento será apresentado o conceito de triglossia defendido por Augel (1997) e Intumbo (2017). Ademais a seção 3.3 mostrará os critérios para a seleção das palavras escolhidas junto ao dicionário Scantamburlo (2002). Por fim serão explicados os passos seguintes do estudo que foram respectivamente a transcrição e análise dos dados coletados.

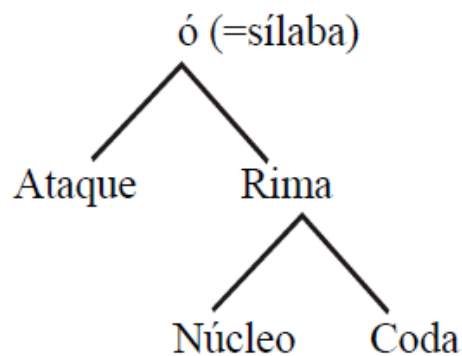
3.1 A SÍLABA

Dentro dos estudos fonéticos e fonológicos, a sílaba ainda é um conceito controverso entre os autores e pode ser analisada por diferentes perspectivas como o ponto de vista articulatório ou da percepção, segundo Callou e Leite (2009). Alguns autores, como Hora

(2017), consideram que a sílaba é uma unidade fonológica basilar e está dividida entre as posições de ataque e rima.

No que tange aos estudos da sílaba no guineense, é importante ressaltar que foram realizados tomando como ponto de partida o português, porém tais estudos sobre teoria da sílaba de Hora (2017) se apresentam como universais. Além disso, é possível que as autoras que tratam do guineense tenham usado os estudos em língua portuguesa como base. A seguir será apresentado um diagrama da estrutura silábica do português.

Figura 8: Estrutura silábica

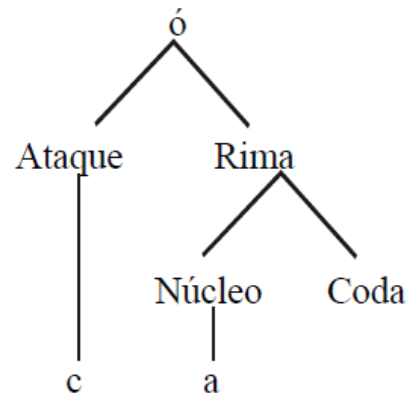


Fonte: Hora ([20--], p. 29)

No português, o ataque é ocupado pela(s) consoante(s) inicial(is) da sílaba (podendo ter uma ou mais de um elemento), a rima por sua vez subdivide-se em núcleo e coda. A posição de núcleo pode apenas ser preenchida por vogal e a coda, por sua vez, preenchida pela(s) consoante(s) final(is) da sílaba (também podendo ter uma ou mais de um elemento).

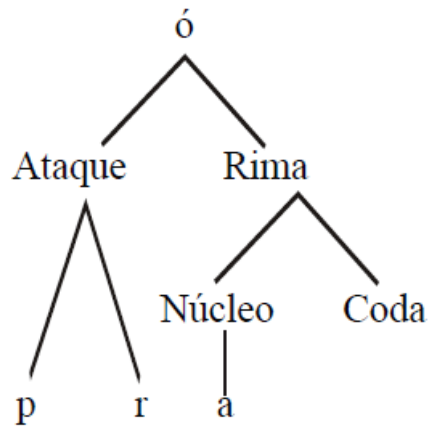
É importante ressaltar que a composição de uma sílaba poderá ter ou não todas as posições preenchidas, estudos atuais apontam que tanto na língua portuguesa quanto no guineense, obrigatoriamente, precisa-se do núcleo, que será composto por uma vogal. Já as posições de ataque e coda são facultadas e deverão ser ocupadas por consoantes (HORA, [20--]), formando o padrão silábico aceito no português. As ilustrações seguintes exemplificam os padrões silábicos mais comuns no português (CV, CCV, V, VC) além da coda ramificada (CVCC) respectivamente.

Figura 9: Representação do padrão (CV) na palavra ‘casa’



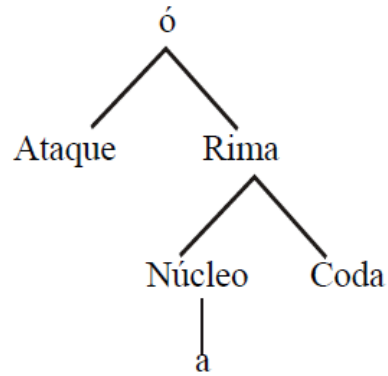
Fonte: Hora ([20--], p. 29)

Figura 10: Representação do padrão (CCV) na palavra ‘prato’



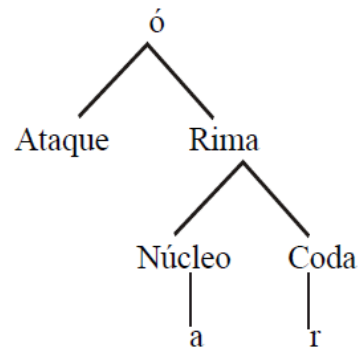
Fonte: Hora ([20--], p. 30)

Figura 11: Representação do padrão (V) na palavra ‘amor’



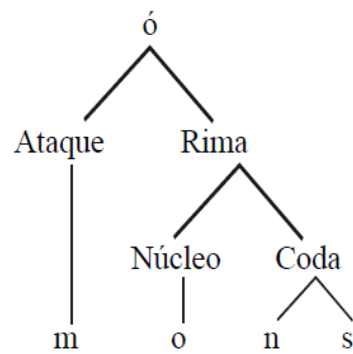
Fonte: Hora ([20--], p. 29)

Figura 12: Representação do padrão (VC) na palavra ‘arco’



Fonte: Hora ([20--], p. 30)

Figura 13: Representação do padrão (VC) na palavra ‘monstro’



Fonte: Hora ([20--], p. 30)

Figurando como objeto do presente estudo, a coda no guineense tem se apresentado de forma não consensual entre os poucos estudos realizados sobre o tema. Portanto, para entendê-la, foram necessários estudos da coda no português (uma vez que, conforme mencionado, os próprios trabalhos sobre o guineense poderiam usar o português como modelo), recorrendo aos autores Bisol (1996), Callou e Leite (2009) além de Hora ([20--]) e em específico, sobre a coda no guineense, debruçou-se nas autoras Chapouto (2014), Costa (2014) e Chapouto e Pereira (2019).

Ressaltamos aqui a existência de estudos fonéticos e fonológicos a respeito das sílabas, de forma que os estudos apontam diferenciação entre a sílaba fonética e a sílaba fonológica. Em português, por exemplo, para a palavra *transporte*, teremos a notação fonológica /traNS.'pɔR.te/; uma transcrição fonética possível é [trɜs.'pɔr.ti], havendo diferença na estrutura da primeira sílaba: CCVCC (fonológica) e CCVC (fonética). Trataremos nesta pesquisa da sílaba fonética, observando os fones possíveis de figurar na coda do guineense, sem discutir o estatuto de fonemas desses segmentos.

3.2 A CODA

Como mencionado anteriormente, a coda é a posição pós-vocálica de uma sílaba e pode ser simples ou ramificada, como, por exemplo, as realizações silábicas (VC) e (VCC) respectivamente. No guineense, algumas consoantes podem ocupar essa posição. Veremos, a seguir, as discussões das autoras estudadas de acordo com as características desses segmentos.

3.2.1 As oclusivas

De acordo com Costa (2014), não há realizações de oclusivas em coda no guineense. Já segundo Chapouto (2014), existem os segmentos [p], [t], [k]. A autora, porém, defende a existência destes apenas em posição final de palavra e quando adjuntos de intensidade, como mostram os exemplos a seguir.

Segundo Chapouto (2014)

- (1) [p] *map* - ['map]² - ‘em cheio’
- (2) [t] *fit* - ['fit] - ‘ação com velocidade’
- (3) [k] *tok* - ['tɔk] - ‘intensidade máxima’

3.2.2 As fricativas

No que diz respeito às consoantes fricativas, segundo Costa (2014), no guineense é possível a realização do segmento [s] em posição medial e em posição final. Chapouto (2014), por sua vez, defende a existência dos segmentos [s] (com variante livre para [ʃ]) em posição de coda medial e final e [z] em posição medial, além de [f] quando adjuntos de intensidade em posição final como mostram os exemplos.

Segundo Costa (2014)

- (4) [s] *molostra* - [mɔ.lɔs.'tra] - ‘ferir’ / bias - [bi.'as] - ‘viagem’

Segundo Chapouto (2014)

- (5) [s] *rasta* - ['ras.ta] - ‘arrastar’ / bias - ['bi.as] ‘vez’ ~ [ʃ] ['raʃ.ta] / ['bi.aʃ]
- (6) [z] *rasga* - ['raz.ga] - ‘rasgar’
- (7) [f] *tcif* - ['ʃif] - ‘ação lenta e silenciosa’

3.2.3 As nasais

No que tange às consoantes nasais, Costa (2014) defende a existência dos segmentos [m] e [n] em posição medial e os segmentos [ɲ]³ e [ŋ] em posição medial e final. Chapouto (2014), por sua vez, corrobora Costa (2014) no que diz respeito às nasais possíveis em posição medial e final, além disso, defende que em posição final há a realização livre entre os segmentos

² Os exemplos desta seção seguiram as transcrições das autoras, porém foram padronizados para facilitar o entendimento. Dessa forma, inicialmente em negrito está o fone que será analisado; em grafia em guineense em itálico; nas transcrições fonéticas foram adicionadas apenas as marcações de fronteira de sílaba, para que a coda seja visualizada com mais facilidade e por fim, entre aspas simples, a glosa em português.

³ Na dissertação da autora Costa (2014), há a defesa da consoante nasal palatal [ɲ], porém a autora não traz exemplos, o que pode ter se devido a um lapso. Sabemos que diante de uma consoante palatal, é possível a ocorrência de uma nasal palatal. Além disso, embora Costa (2014) defenda a realização dessa consoante em coda final, não foram encontrados exemplos que comprovem esta defesa.

nasais [ɲ] e [ŋ], de forma que eles não opõem significado fonologicamente. Os exemplos a seguir demonstram a defesa das autoras.

Segundo Costa (2014)

- (8) [m] *kumprido* - [kum.'pri.do] - ‘largo, grande, comprido’
- (9) [n] *lanta* - [ˈlan.tɛ] - ‘levantar’
- (10) [ŋ] *brinka* - [ˈbriŋ.kɛ] - ‘brincar’ / *ningin* - [niŋ.'giŋ] - ‘ninguém’

Segundo Chapouto (2014)

- (11) [m] *pumba* - [ˈpum.ba] - ‘pomba’
- (12) [n] *mundu* - [ˈmun.du] - ‘mundo’
- (13) [ŋ] *djungutu* - [ˈdʒuŋ.gu.tu] - ‘acocorar-se’
- (14) [ŋ] ~ [ɲ] *kamião* - [ka.mj.'õŋ] ~ [ka.mj.'õɲ] - ‘caminhão’

3.2.4. Os róticos

De acordo com as autoras, ocorrem róticos no guineense em posição de coda medial e final. Porém enquanto Costa (2014) admite tanto o [r] quanto o [ɾ], Chapouto (2014) dá preferência para o [r], embora não descarte a realização do [ɾ] com menor frequência na língua. Os exemplos a seguir mostram o posicionamento das autoras.

Segundo Costa (2014)

- (15) [r] *verdi* - [ˈver.di] ‘verde’ / *mar* - [ˈmar] - ‘mar’
- (16) [r] *skirbi* - [skir.'bi] ~ [skir.'vi] ~ [skri.'vi] - ‘escrever’

Segundo Chapouto (2014)

- (17) [r] *korpu* - [ˈkɔr.pu] - ‘corpo’
- (18) [r] ~ [ɾ] *katcur* - [ka.'ʃur] ~ [ka.'ʃur] - ‘cão’

3.2.5. A lateral

O segmento lateral é defendido por ambas as autoras em posição de coda medial e coda final, com variação no segmento usado em cada autora: em Costa (2014) aparece [ɬ]; já em Chapouto, [l]:

Segundo Costa (2014)

(19) [ɬ] *solmansi* - [ˈsɔɫ.man.sɪ] - ‘amanhecer’ / *kobamal* - [ko.ba.'maɫ] ~ [kɔ.ba.'maɫ] - ‘palavrão’

Segundo Chapouto (2014)

(20) [l] *falta* - [ˈfal.ta] - ‘faltar’ / *mal* - [ˈmaɫ] - ‘mal’

3.2.6. A coda ramificada

Coda ramificada ocorre toda vez que dois segmentos consonânticos ocupam a posição pós-vocálica de uma sílaba. Costa (2014) não menciona a existência de coda ramificada em seus achados. Chapouto (2014), por sua vez, a menciona como rara e justifica sua existência como neologismos advindos do português. Como exemplo, a autora apresenta uma única palavra:

Segundo Chapouto (2014)

(21) [ns] *transfuson* - [trãns.fu.'sõŋ] - ‘transusão’

Chapouto e Pereira (2019) corroboram a defesa da não existência dos padrões de coda ramificada (VCC, CVCC e CCVCC) no guineense. As autoras afirmam que “embora seja possível encontrar estruturas com CC em Coda, dado que estas ocorrem apenas num reduzido número de neologismos ou novas formas de palavras já integradas, não se considera a existência desta estrutura nos padrões silábicos da língua” (CHAPOUTO & PEREIRA, 2019, p. 127).

Os resultados encontrados serão explicitados no capítulo a seguir. As discussões conversarão com o referencial teórico apresentado neste capítulo.

3.3. METODOLOGIA

Durante a programação desta pesquisa, planejou-se entrevistar ao menos 06 (seis) alunos guineenses recém-chegados ao Brasil, três do sexo masculino e três do sexo feminino, porém, por conta do distanciamento social, imposto pela pandemia do novo Coronavírus, a pesquisa precisou ser adaptada. Neste contexto, a pesquisa contou com a colaboração de 03 (três) guineenses, todos estudantes do curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), campus dos Malês e que residem no Brasil há cerca de 3 (três) anos. Esta pesquisa pretendia entrevistar pessoas de ambos os sexos, porém só foi possível contar com participantes do sexo masculino. O quadro 02 apresenta informações socioculturais dos participantes.

Quadro 1: Informações socioculturais dos participantes

Participantes			
Identificação	A	B	C
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino
Idade	28 anos	28 anos	24 anos
Região de procedência	Bafatá	Bissau	Bissau
Língua materna	Fula	Guineense	Guineense
Línguas faladas	Fula	Manjaco	-
	Guineense	Guineense	Guineense
	Português	Português	Português
	Francês	-	-
	Espanhol	-	-
	Inglês	Inglês	Inglês
	Fula	Manjaco	Não informou
Grupo étnico	Fula	Manjaco	Não informou
Fala a língua do grupo que pertence?	Não	Sim	Sim (guineense)
Primeiro contato com a língua portuguesa	Ensino Primário	Ensino Secundário	Ensino Secundário
Local de primeiro contato com a língua portuguesa	Escola	Escola	Escola
Língua mais usada	Guineense	Guineense	Guineense
Língua com conhecimento passivo	Wolof	Balanta Pepel	Pepel

Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível verificar no quadro, os participantes são jovens, a média de idade entre eles é de 26 anos e meio. Quanto à região da Guiné-Bissau de onde os participantes são oriundos, o participante (A) vem da região leste do país, Bafatá, porém residia em Bissau há algum tempo, já os participantes (B) e (C) são ambos da capital Bissau. Em relação às suas etnias, eles alegaram ser respectivamente fula, manjaco e o último não indicou pertencer a uma.

No que diz respeito à língua materna dos participantes, (A) alegou ser sua primeira língua/língua materna a língua fula embora tenha aprendido guineense também no ambiente familiar, já os participantes (B) e (C) afirmam que o guineense é a sua língua materna. Isso demonstra que na capital Bissau, diferente do interior do país, o guineense costuma ser a primeira língua dos habitantes. Em geral, no interior do país, as línguas autóctones, a exemplo da língua fula, do participante (A) entre outras línguas locais, se sobrepõem em relação ao guineense no que tange a ser língua materna da população.

Quando questionados sobre quais línguas os participantes da pesquisa falam, os resultados foram variados. O participante A mencionou as línguas: fula, guineense, português, francês, espanhol e inglês; o participante B alegou falar: guineense, português, inglês e manjaco; já o participante C afirmou falar: guineense, português e inglês conforme quadro apresentado. Esses dados corroboram a hipótese de a Guiné-Bissau ser um país plurilíngue, tendo em vista que o participante que fala a menor quantidade de línguas menciona ao menos três línguas. É importante mencionar que o nível de proficiência em cada uma dessas línguas pode ser diverso e não foi avaliado nesta pesquisa.

Ainda no que diz respeito às informações sociolinguísticas, foi perguntado se os informantes possuem conhecimento passivo em alguma língua, ou seja, entendem, porém não falam. O participante (A) alegou entender a língua wolof, o participante (B) disse entender as línguas pepel e balanta, já o participante (C) alegou conhecer a língua papel. Todas essas línguas trazidas pelos participantes da pesquisa são línguas autóctones, o que pode representar um retrato do multilinguismo na Guiné-Bissau.

Sobre a língua portuguesa, foi perguntado quando e em qual contexto os participantes aprenderam português. Todos foram unânimes em afirmar o primeiro contato com a língua portuguesa no ambiente escolar, o participante A alegou ter sido no ensino primário aos 09 (nove) anos, já os participantes B e C informaram ter sido no ensino secundário, por volta dos 13 (treze) anos de idade. Esse dado mostra que uma parte dos estudantes da Guiné-Bissau, sobretudo os que foram alfabetizados fora da capital, realmente é alfabetizada em língua portuguesa e não em suas línguas maternas.

No que tange ao uso frequente das línguas pelos participantes, houve unanimidade no uso do guineense como língua do cotidiano, mesmo após a vinda dos estudantes para o Brasil. Eles alegam que usam o português apenas nos contextos de interação com brasileiros. Esse dado corrobora o que é defendido por Augel (1997) e Intumbo (2017). Os autores advogam o guineense como língua franca do país, sendo que, em uma situação de triglossia, o uso das línguas coexistentes no país se comporta de forma inversamente proporcional: as línguas com maior número de falantes são menos valorizadas, no caso as línguas autóctones.

Enquanto o português se sobrepõe ao guineense no que diz respeito a prestígio social, o guineense se sobrepõe em relação às línguas autóctones (balanta, pepel, fula, manjaco, etc). Essa relação de poder que essas línguas exercem, umas sobre as outras, sugere uma desigualdade social/linguística no país, pois como em uma pirâmide, no topo estão os poucos falantes do português e privilegiados socialmente, no centro estariam os falantes de guineense e na base estariam todos os falantes das línguas autóctones reunidas sem prestígio algum.

Quanto ao arcabouço teórico, foram feitas análises dos textos que discutem a posição de coda em guineense: Costa (2014), Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019), conforme discutido na seção 3.1. Resumindo as discussões, a primeira autora apresenta a realização de oito segmentos possíveis em coda medial: [m], [n], [ŋ], [s], [r], [r] e [ʔ] e seis em coda final: [ŋ], [s], [r], [r] e [ʔ], aproximando-se das realizações do português. Já as autoras Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019) apresentam sete possibilidades de realização em coda medial: [m], [n], [ŋ], [s], [z], [r] e [l] e oito segmentos em coda final: [ŋ], [s], [ʔ], [r], [p], [t], [k] e [f]. No que diz respeito aos quatro últimos fones, as autoras trazem informações de que tais fones só se realizariam em casos de adjuntos de intensidade, contudo em que consistem tais advérbios não é explicado claramente pelas autoras.

A partir desses achados, surgiram alguns questionamentos. Observando palavras coletadas no dicionário de Scantamburlo (2002) e diálogos entre alunos guineenses, as informações das autoras aparentaram ser insuficientes. Diante desta inquietação, a pesquisa buscou palavras com os segmentos consonânticos do sistema fonético do guineense e propôs a existência de dezesseis fones na posição de coda: [p], [b], [t], [d], [k], [g], [f], [s], [z], [ʃ], [m], [n], [ŋ], [ʔ] e [r], sendo que treze desses ([p], [t], [k], [b], [d], [g], [ʃ], [s], [z], [m], [n], [ʔ] e [r]) em posição de coda medial e dez ([p], [t], [k], [d], [ʃ], [s], [ŋ], [ʔ] e [r]) em posição de coda final. Esses dados poderiam ser confirmados ou refutados a partir das gravações com os informantes.

Esta pesquisa inicialmente considerou os glides [j] e [w] como passíveis de ocupar a posição de coda (sendo, portanto, consonânticos), porém por não haver consenso se os glides

são vogais ou consoantes (e não termos argumentos para defender uma ou outra posição para o guineense), optamos por não tratá-los nessa pesquisa sobre a coda.

A seleção das palavras foi feita mediante a busca no dicionário de Scantamburlo (2002). Para isso, foi feita uma separação entre as consoantes de acordo com suas características, como mostram os quadros abaixo.

Quadro 2: Oclusivas desvozeadas

Oclusivas Desvozeadas [p] [t] [k]	
Posição medial	Posição final
<i>a.dap.tal</i> - ‘adaptado’	<i>fap</i> - ‘música’
<i>op.son</i> - ‘opção’	-
<i>at.mos.fe.ra</i> - ‘atmosfera’	<i>dun.gut</i> - ‘pedaço de tronco’
<i>ak.ti.vi.da.de</i> - ‘atividade’	-
<i>tek.no.lo.jia</i> - ‘tecnologia’	<i>tok-tok</i> - ‘meio de locomoção’

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 3: Oclusivas vozeadas

Oclusivas Vozeadas [b] [d] [g]	
Posição medial	Posição final
<i>ab.sor.vi</i> - ‘absorver’	-
<i>leb.si.du</i> - ‘desprezado’	-
<i>ab.so.lu.tu</i> - ‘absoluto’	-
<i>ad.je.ti.vu</i> - ‘adjetivo’	<i>ti.foid</i> - ‘tipo de doença’
<i>sig.ni.fi.ka.du</i> - ‘significado’	-
<i>ig.no.ran.sa</i> - ‘ignorância’	-

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 4: Fricativas desvozeadas

Fricativas Desvozeadas [f] [s] [ʃ]	
Posição medial	Posição final
<i>bof-bof</i> - ‘bofes (pulmões)’	<i>bu.luf</i> - ‘medicamento para puérperas’
-	<i>tcuf</i> - ‘cair como objeto na água’
-	<i>tcif</i> - ‘adjunto de intensidade’
-	<i>chef</i> - ‘chefe’

<i>pis.ta</i> - ‘pista’	<i>des</i> - ‘dez’
<i>kas.ka</i> - ‘casca’	-
<i>kas.pa</i> - ‘caspa’	-

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 5: Fricativa vozeada

Fricativa Vozeada [z]

Posição medial	Posição final
<i>mes.mo</i> - ‘mesmo’	-
<i>dis.ba.li</i> - ‘não ter valor’	-

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 6: Nasais

Nasais [n] [m] [ɲ] [ŋ]

Posição medial	Posição final
<i>kom.pra</i> - ‘comprar’	-
<i>kom.be.rsa</i> - ‘conversar’	-
<i>kan.ta</i> - ‘cantar’	<i>un</i> - ‘um’
<i>ga.ran.di</i> - ‘grandi’	<i>ba.la.fon</i> - ‘instrumento’
<i>min.djer</i> - ‘mulher’	<i>pon</i> - ‘pão’
<i>pin.tha</i> - ‘pintar’	-
<i>ta.ban.ka</i> - ‘aldeia’	-
<i>zan.ga</i> - ‘zangar’	-

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 7: Lateral

Lateral [ʎ]

Posição medial	Posição final
<i>fal.si</i> - ‘falecer’	<i>sol</i> - ‘sol’
<i>al.ma</i> - ‘alma’	<i>kr.iol</i> - ‘crioulo’

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 8: Róticos

Tepe [r]

Posição medial	Posição final
<i>kor.pu</i> - ‘corpo’	<i>ka.tcur</i> - ‘cachorro’
<i>tar.ba.dju</i> - ‘trabalho’	<i>mar</i> - ‘mar’

<i>iar.ma</i> - ‘amar’	-
Fonte: elaborado pela autora	
Quadro 9: Coda ramificada	
Coda ramificada [bs] e [ns]	
<i>kons.ti.tu.cio.nal</i> - ‘constitucional’	
<i>kons.tru.son</i> - ‘construção’	
<i>ins.tru.men.tu</i> - ‘instrumento’	
<i>obs.ta.ku.lu</i> - ‘obstáculo’	
<i>subs.ti.tui</i> - ‘substituir’	
Fonte: elaborado pela autora	

A seleção das palavras foi feita a partir do contexto de ocorrência de cada segmento em coda. Após uma coleta inicial, foi feita uma análise, excluindo palavras que apresentavam contextos parecidos (como segmentos semelhantes, a exemplo *uap* e *map*, ambas adjuntos de intensidade), mantendo apenas um dos vocábulos. Assim, ao final dessa etapa, a pesquisa contou com 51 palavras (as que constam nos quadros 3 a 8) dispostas em frases do uso no guineense, dessa forma, visou-se a aproximação com o uso cotidiano da língua. Foram criadas frases em língua portuguesa em que as palavras estavam presentes e foi solicitado que os informantes fornecessem os correspondentes em guineense.

As entrevistas estavam programadas para o primeiro semestre do ano de 2020, porém, por conta da emergência sanitária vivida por decorrência do novo Coronavírus, não foi possível o encontro físico com os participantes. A coleta dos dados precisou ser adaptada, recorrendo-se a falantes de guineense já conhecidos da pesquisadora. Após um contato inicial explicando a pesquisa de forma geral e havendo a concordância de participar, os estudantes receberam por e-mail o termo de consentimento, o questionário com informações socioculturais e a lista com as palavras, dispostas em frases e gravaram isoladamente. Para a gravação, os participantes utilizaram seus respectivos *smartphones*. Todos receberam a mesma lista de palavras, de forma que, para análise, contamos com três realizações de cada palavra, uma de cada participante. Apenas a realização de uma palavra (*fik*) foi divergente entre os participantes. Em algumas situações, as gravações precisaram ser refeitas, pois os áudios não estavam claros, e em outros casos, os participantes foram contactados para sanar dúvidas de significado que surgiam.

Após a coleta dos dados partiu-se para a transcrição dos áudios enviados pelos participantes da pesquisa. Na sequência foram feitas as análises do material coletado, a partir de escutas atentas e repetidas do material, para isso, recorreu-se também às autoras Costa

(2014), Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019) que embasaram esta pesquisa na intenção de concordar ou não com seus achados. Os resultados encontrados serão explicitados no capítulo a seguir.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, veremos a análise dos dados coletados junto aos informantes guineenses, ocasião em que serão propostos segmentos fonéticos que podem ocupar a posição de coda nesta língua. Os achados da pesquisa serão confrontados com o defendido por Costa (2014), Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019). Os dados foram organizados de acordo com o modo de articulação de cada segmento consonântico, tanto em posição de coda medial quanto em posição de coda final, de modo que, na seção 4.1 trataremos dos segmentos oclusivos. Estes por sua vez serão subdivididos entre os desvozeados em 4.1.1 e vozeados em 4.1.2. Em seguida em 4.2, trataremos dos segmentos fricativos. Estes estarão também divididos em desvozeados em 4.2.1 e vozeados em 4.2.2. Logo após apresentaremos as nasais em 4.3 e os róticos em 4.4. Na sequência discutiremos as laterais em 4.5 e a coda ramificada em 4.6. Para finalizar o capítulo faremos uma síntese em 4.7.

4.1 AS OCLUSIVAS

Em relação às consoantes oclusivas, aquelas em que há o bloqueio momentâneo da passagem de ar pelos pulmões, foram coletadas quinze palavras. Nesta pesquisa, subdividimos tais segmentos em desvozeados ou vozeados a depender de como se dá a passagem pelas cordas vocais. Segmentos em que a glote permanece aberta e as cordas vocais separadas, fazendo com que o ar passe livremente, conhecidos como desvozeados, serão apresentados em 4.1.1 e aqueles em que a glote se fecha gerando uma vibração nas cordas vocais na passagem do ar, segmentos vozeados, serão tratados em 4.1.2.

4.1.1 As oclusivas desvozeadas

A pesquisa buscou palavras que tivessem consoantes desvozeadas, em posição de coda medial (A) e encontrou: *adaptal* ‘adaptado’, *opson* ‘opção’, *atmosfera* ‘atmosfera’, *aktividade* ‘atividade’, *teknolojia* ‘tecnologia’. Entre as desvozeadas em posição de coda final (B) foram coletadas as seguintes palavras: *fap* ‘música’, *dungut* ‘pedaço de tronco’, *tok-tok* ‘meio de locomoção’. Vejamos a seguir:

(A) Em posição de coda medial:

- (22) [p] *adaptal* - [a.'dap.taɫ]⁴ - ‘adaptado’
 (23) [p] *opson* - [ɔp.'soŋ]⁵ - ‘opção’
 (24) [t] *atmosfera* - [at.məs.'fɛ.ra] - ‘atmosfera’
 (25) [k] *aktividade* - [ak.ti.vi.'da.di] - ‘atividade’
 (26) [k] *teknolojia* - [tek.nɔ.'lɔ.ʒja] - ‘tecnologia’

Em posição de coda medial a pesquisa encontrou a existência dos segmentos [p], [t] e [k] segundo os exemplos (22), (23), (24), (25) e (26). Esses dados divergem das autoras Costa (2014) e Chapouto (2014) que não mencionam a existência de tais segmentos em coda medial.

No que tange à coda final, os dados também apontam divergências com relação à defesa das autoras. Enquanto Costa (2014) permanece não mencionando a existência desses segmentos mesmo em posição de coda final, Chapouto (2014) os menciona em situações restritas. Segundo a autora, esses segmentos só poderiam ocorrer nos monossílabos adjuntos de intensidade. Seguem os exemplos que a pesquisa encontrou:

(B) Em posição de coda final:

- (27) [p] *fap* - ['fap] - ‘música’
 (28) [t] *dungut* - ['duŋ.gut] - ‘pedaço de tronco’
 (29) [k] *tok-tok* - ['tɔk.tɔk] - ‘meio de locomoção’
 (30) [ti] *uit* - ['wi.ti] - ‘adjunto de intensidade’
 (31) [ti] *fit* - ['fi.ti] - ‘adjunto de intensidade’
 (32) [k] *fik* - ['fi.p] - ‘adjunto de intensidade’
 (33) [t] *pitc-patc* - ['pit.pat] - ‘prato típico’
 (34) [t] *djorontc* - ['dʒɔ.ront] - ‘cabaça quebrada’
 (35) [t] *kambletc* - ['kam.bleɫ] - ‘coisa velha’

⁴ As transcrições seguirão o mesmo padrão do capítulo anterior.

⁵ A vogal seguida por consoante nasal na mesma sílaba será transcrita como vogal oral + consoante nasal. Essa é uma transcrição que está aberta a reformulações, pois não foram realizadas análises acústicas.

Conforme mencionado no capítulo 3, a definição dos adjuntos de intensidade mencionados por Chapouto (2014) não é clara. Analisando tais segmentos, esta pesquisa acredita que estes possam equivaler aos ideofones, tema discutido por Imbatene (2020)⁶. Ainda assim, a pesquisa apresentou achados que divergem dessa hipótese proposta por Chapouto (2014), os exemplos (27), (28) e (29) podem comprovar a existência dos segmentos [p], [t] e [k] em coda independentemente de serem monossílabos e advérbios/adjuntos de intensidade. Nota-se que mesmo a palavra (27) sendo monossilábica, ela não representa adjunto de intensidade, mas sim o substantivo/nome ‘música’.

Além disso, no que tange às oclusivas, em duas palavras terminadas em [t] com o padrão silábico VVC e CVC, (30) e (31), auditivamente parece haver um [i] inserido ao final, havendo uma ressilabificação, passando a palavra monossilábica em dissilábica VV.CV e CV.CV. Contudo, somente uma análise acústica poderia confirmar se a vogal se faz presente ou não.

Outro achado referente às oclusivas foi que apenas um falante reconheceu a palavra (32) *fik* ‘adjunto de intensidade’, porém o segmento realizado na coda foi [p] e não [k] como propunha a grafia do dicionário de Scantamburlo (2002). Além disso, em algumas palavras esperava-se com base nos padrões gráficos que o segmento realizado na coda fosse [tʃ], porém a realização se deu por [t] em (33), (34) e (35).

4.1.2 As oclusivas vozeadas

Já entre as oclusivas vozeadas em posição de coda medial a pesquisa destacou as palavras: *absorvi* ‘absorver’, *lebsidu* ‘desprezado’, *absolutu* ‘absoluto’, *adjetivu* ‘adjetivo’, *signifikadu* ‘significado’, *ignoransa* ‘ignorância’. Entre as oclusivas vozeadas em coda final, a pesquisa encontrou apenas o segmento [d] representado pela palavra *tifoid* ‘tipo de doença’. Vejamos:

(A) Em posição medial:

(36) [b] *absorvi* - [ab'sɔɾ.vi] - ‘absorver’

⁶ Os ideofones são, de acordo com o autor, elementos que funcionam junto a vocábulos específicos na intenção de ampliar o sentido de uma palavra. Dentre as funções que os ideofones do guineense apresentam destaca-se a de intensificação, como em *burmedju wak* ‘muito vermelho’. É justamente essa função (de intensidade) que levou a conjecturar a proximidade entre os dois conceitos (adjuntos de intensidade e ideofones).

- (37) [b] *lebsidu* - [lɛb.'si.du] - ‘desprezado’
 (38) [b] *absolutu* - [ab.sɔ'lu.tu] - ‘absoluto’
 (39) [d] *adjetivu* - [ad.ʒe.'ti.vu] - ‘adjetivo’
 (40) [g] *signifikadu* - [sig.ni.fi.'ka.du] - ‘significado’
 (41) [g] *ignoransa* - [ig.nɔ.'ran.sa] - ‘ignorância’

Esses dados apresentam divergência significativa com a defesa das autoras, uma vez que tanto Costa (2014) quanto Chapouto (2014) não atestaram os segmentos [b], [d] e [g] em posição de coda medial no guineense, fato oposto aos achados atuais dessa pesquisa.

No que diz respeito às oclusivas vozeadas em posição de coda final, esta análise encontrou apenas o segmento [d], como mostra o exemplo a seguir.

(B) Em posição final:

- (42) [d] *tifoid* - [ti'fɔ.id] - ‘tipo de doença’

Também entre as vozeadas em posição de coda final, os achados ampliam as realizações no guineense.

Em resumo, entre as oclusivas, os únicos segmentos não realizados em coda final foram o [b] e [g], os demais segmentos [p], [t], [k] e [d] foram encontrados tanto em coda medial quanto em coda final, ampliando o que defendiam as autoras Costa (2014), Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019) em relação aos segmentos que podiam ocupar a coda.

O quadro abaixo ilustra as divergências entre as autoras e os achados desta análise.

Quadro 10: Comparativo entre as oclusivas

	Costa (2014)		Chapouto (2014)		Matos (2021)	
	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final
Oclusivas desvozeadas	-	-	-	[p] [t] [k]	[p] [t] [k]	[p] [t] [k]
Oclusivas vozeadas	-	-	-	-	[d]	[b] [d] [g]

Fonte: elaborado pela autora

Desse modo, podemos notar grande divergência tanto entre as autoras Costa (2014) e Chapouto (2014) quanto em relação a esta análise. Enquanto Costa (2014) não admite a existência de segmentos oclusivos, Chapouto (2014) admite apenas o [p], [t] e [k] quando monossílabos adjuntos de intensidade. Este estudo defende a existência de seis segmentos oclusivos conforme demonstrado acima.

4.2 AS FRICATIVAS

As consoantes fricativas são aquelas em que há estreitamento da passagem do ar em algum local do sistema fonador de modo que haja fricção na saída do mesmo. Essa pesquisa coletou onze palavras em que segmentos fricativos ocupam a posição de coda. Assim como nas oclusivas, será feita a subdivisão entre fricativas surdas (seção 4.2.1) e sonoras (seção 4.2.2).

4.2.1 As fricativas desvozeadas

Na busca por consoantes fricativas desvozeadas ocupando a posição de coda, esta pesquisa encontrou nove palavras com os segmentos fonéticos [f], [s] e [ʃ]. Quatro em posição medial (A): *bof-bof* ‘bofes (pulmões)’, *pista* ‘pista’, *kaska* ‘casca’, *kaspa* ‘caspa’. Em posição de coda final destacamos cinco: *buluf* ‘medicamento para puérperas’, *tcuf* ‘cair como objeto na água’, *tcif* ‘adjunto de intensidade’, *chef* ‘chefe’ e *des* ‘dez’. Vejamos:

(A) Em posição medial:

(43) [f] *bof-bof* - ['bɔf.bɔf] - ‘bofes (pulmões)’

(44) [s] *pista* - ['pis.ta] - ‘pista’

(45) [ʃ] *kaska* - ['kaʃ.ka] - ‘casca’

(46) [ʃ] *kaspa* - ['kaʃ.pa] - ‘caspa’

A respeito dos exemplos mencionados acima, a pesquisa encontrou os segmentos [f], [s] e [ʃ] em posição medial. Este achado diverge de Costa (2014), Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019). A primeira defende apenas a existência do segmento [s] em posição medial. Já as demais admitem os segmentos [f] quando palavra

monossílaba adjunto de intensidade e [s] com variação livre para [ʃ], ou seja, sem que haja oposição de significado entre esses dois últimos.

Desse modo, esse trabalho aproximou-se parcialmente dos achados de Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019) ao demonstrar a existência do segmento [ʃ] em coda medial além do segmento [s]. Sobre o segmento [f], enquanto as autoras não mencionam sua ocorrência em coda medial, a presente análise o encontrou tanto em coda medial quanto final, como explicitado na palavra (43).

Esta pesquisa também buscou exemplificar a existência de segmentos fricativos desvozeados em posição de coda final. Os achados mostram a incidência de [f] e [s] como atestam os exemplos a seguir:

(B) Em posição final:

(47) [f] *buluf* - [bu.'lu**f**] - ‘medicamento para puérperas’

(48) [f] *tcuf* - ['tʃu**f**] - ‘cair como objeto na água’

(49) [f] *tcif* - ['tʃi**f**] - ‘adjunto de intensidade’

(50) [f] *chef* - ['tʃɛ**f**] - ‘chefe’

(51) [s] *des* - ['dɛ**s**] - ‘dez’

Os segmentos desvozeados na posição de coda final apresentam-se de forma semelhante aos segmentos em coda medial, com exceção do [ʃ], sendo representados pelos fones [f] e [s]. Desse modo, de igual forma, apresentam algumas divergências e aproximações com as autoras estudadas. Costa (2014) permanece advogando apenas a existência do segmento [s] também em posição de coda final. Chapouto (2014), por sua vez, admite os segmentos [f] quando palavra monossílaba adjunto de intensidade e [s] que pode se alternar para [ʃ] sem oposição significativa.

Este estudo mostrou divergência maior em relação a Costa (2014), pois coincidem apenas em relação fone [s]. Em relação a Chapouto (2014), a ocorrência além dos monossilábicos com a palavra (47) mostra uma ampliação desse fone na coda, bem como a existência do segmento [f] para além de adjuntos de intensidade, como na palavra (50). Com relação ao [ʃ], não foi encontrado em coda medial, mas uma análise posterior com um maior número de dados permitirá confirmar ou refutar sua distribuição na coda final.

4.2.2 As fricativas vozeadas

Entre os segmentos fonéticos fricativos, nessa pesquisa foi coletado apenas o segmento [z], representado pelas palavras *mesmo* ‘mesmo’, e *disbali* ‘não ter valor’ como seguem nos exemplos. Além disso, não foram encontradas palavras com este fone em posição de coda final. Vejamos:

(A) Em coda medial:

(52) [z] *mezmo* - ['mez.mu] - ‘mesmo’

(53) [z] *dizbali* - [diz.'ba.li] - ‘não ter valor’

Esse achado corrobora Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019) que defende o segmento [z] em coda medial. Costa (2014), por sua vez, não apresenta a existência desse fone ocupando posição de coda no guineense. Dessa forma, concluímos que, no que diz respeito às fricativas vozeadas, este trabalho aponta semelhanças com Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019).

O quadro seguinte apresenta o comparativo entre as autoras e os achados deste estudo.

Quadro 11: Comparativo entre as fricativas

	Costa (2014)		Chapouto (2014)		Matos (2021)	
	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final
Fricativas desvozeadas	[s]	[s]	[s]	[s] [f]	[f] [s] [j]	[f] [s]
Fricativas Vozeadas	-	-	-	-	[z]	-

Fonte: elaborado pela autora

É possível perceber a ampliação também nestes segmentos quando comparados às defesas de Costa (2014) e Chapouto (2014) ao encontrarmos os segmentos [f] [j] e [z] variando entre coda medial e final. Costa (2014) admite apenas o segmento [s], Chapouto, por sua vez defende a existência do [s] em casos isolados o [f] como explicitado acima.

4.3 AS NASAIS

As consoantes nasais são aquelas caracterizadas pela passagem de ar pela cavidade oral e nasal. Na posição de coda guineense, foram encontrados quatro

segmentos [m], [n]. [ɲ] e [ŋ] divididos em onze palavras, oito em coda medial (A): *kompra* ‘comprar’, *kombersa* ‘conversar’, *kanta* ‘cantar’, *garandi* ‘grandi’, *mindjer* ‘mulher’, *pintha* ‘pintar’, *tabanka* ‘aldeia’, *zanga* ‘zangar’, além de três em coda final (B): *un* ‘um’, *balafon* ‘instrumento’, *pon* ‘pão’, Vejamos:

(A) Em posição medial:

- (54) [m] *kompra* - ['kom.pra] - ‘comprar’
- (55) [m] *kombersa* - ['kom.be r.sa] - ‘conversar’
- (56) [n] *kanta* - ['kan.ta] - ‘cantar’
- (57) [n] *garandi* - [ga.'ran.di] - ‘grande’
- (58) [ɲ] *mindjer*- [miɲ.'dʒɛr] - ‘mulher’
- (59) [ɲ] *pintha* - ['piɲ.tʒa] - ‘pintar’
- (60) [ŋ] *tabanka* - [ta.'baŋ.ka] - ‘aldeia’
- (61) [ŋ] *zanga* - ['zaŋ.ga] - ‘zangar’

De acordo com as análises realizadas, em posição de coda medial, os segmentos nasais do guineense se apresentam em quatro diferentes fones. Em palavras em que a consoante nasal antecede segmentos biabiais [p] e [b], a realização se dá por [m], como mostram os exemplos (54) e (55). As palavras em que o segmento posterior à coda nasal é um dos fones dentais [t] e [d], realiza-se o fone [n], como apontam os exemplos (56) e (57). Já quando se tem fones palatais como [dʒ] e [tʃ], o fone aceito na coda anterior é [ɲ] como demonstram os exemplos (58) e (59). Já em relação aos fones velares [k] e [g], o fone aceito é o velar [ŋ], como em (60) e (61). Faz-se necessário ressaltar que estas realizações constituem uma suposição com base nos estudos já realizados, afinal, apenas uma análise acúsica trará certeza quanto aos pontos de articulação entre tais segmentos.

No que tange aos fones nasais, as autoras consultadas compartilham a mesma defesa. Advogam que, em posição de coda medial, admite-se [m], [n] e [ɲ] como discutido no capítulo 3.

Essa pesquisa concorda com as autoras no que tange à possibilidade dos fones [m] e [n] em coda medial, porém se afasta em relação aos demais segmentos. Para Costa (2014) e Chapouto (2014), há incidência do segmento velar [ŋ] em detrimento do segmento palatal [ɲ].

Em relação à coda final, foram coletadas três palavras que representaram o fone velar [ŋ] como segue:

(B) Em coda final:

(62) [ŋ] *un* - ['uŋ] - ‘um’

(63) [ŋ] *balafon* - [ba'la.fon] - ‘instrumento’

(64) [ŋ] *pon* - ['poŋ] - ‘pão’

Os achados dessa pesquisa ratificam a defesa de Costa (2014) e Chapouto (2014) que em coda final a realização fonética é o fone velar [ŋ], como mostram os exemplos (62), (63) e (64).

Em relação aos segmentos nasais, este estudo apresentou poucas divergências entre as autoras como mostram o quadro seguinte:

Quadro 12: Comparativo entre as nasais

	Costa (2014)		Chapouto (2014)		Matos (2021)	
	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final
Nasais	[m], [n] [ŋ]	[ŋ]	[m], [n] [ŋ]	[ŋ]	[m] [n] [ŋ] [ŋ]	[ŋ]

Fonte: elaborado pela autora

O presente trabalho demonstrou a possibilidade do segmento [ŋ] em posição de coda medial, diferentemente das autoras estudadas.

4.4. O TEPE

O tepe é um segmento que se realiza com apenas uma oclusão da ponta da língua nos alvéolos (HORA, [20--]). Este estudo contou com cinco palavras, três em posição de coda medial e duas em posição de coda final: *korpu* ‘corpo’, *tarbadju* ‘trabalho’, *iarma* ‘amar’, *katcur* ‘cachorro’ e *mar* ‘mar’. A pesquisa encontrou apenas uma realização possível, o fone [r] em detrimento dos segmentos róticos. Notemos:

(A) Em coda medial:

(65) [r] *korpu* - ['kor.pu] - ‘corpo’

(66) [r] *tarbadju* - [tar.'ba.dʒu] - ‘trabalho’

(67) [r] *iarma* - [ʼjaɾ.ma] - ‘amar’

Entre os achados dessa pesquisa em relação aos róticos, a pesquisa demonstrou que todas as realizações em coda medial foram representadas pelo fone [r]. Costa (2014) admite em posição medial os fones [r] e [r].

Essa pesquisa se aproximou das realizações defendidas por Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019), pois encontrou o fone [r] em suas realizações em coda medial, como indicados nos exemplos (65), (66) e (67).

Em posição de coda final, essa pesquisa, assim como em posição de coda medial, encontrou apenas um segmento consonântico, o fone [r]. Vejamos:

(B) Em coda final:

(678) [r] *katcur* - [ʼka.tʒuɾ] - ‘cachorro’

(69) [r] *mar* - [ʼmaɾ] - ‘mar’

Além disso, um dos informantes apresentou uma realização que se aproximava do fone [r] na palavra (68), porém, não temos dados suficientes para afirmar que tal realização pode ocupar a posição de coda. Faz-se necessário uma análise acústica para comprovar tal hipótese.

4.5. AS LATERAIS

Na realização dos segmentos laterais, de acordo com Hora (20--), ocorre a obstrução da passagem do ar quando a língua toca os alveolos, permitindo que o ar passe pela lateral da boca. Essa pesquisa contou com quatro palavras com a consoante lateral: *falsi* ‘falecer’, *alma* ‘alma’, *sol* ‘sol’, e *kriol* ‘crioulo’. Vejamos:

(A) Em posição medial:

(70) [ɬ] *falsi* - [ʼfaɬ.si] - ‘falecer’

(71) [ɬ] *alma* - [ʼaɬ.ma] - ‘alma’

(B) Em posição final:

(72) [ɬ] *sol* - [ˈsɔɫ] - ‘sol’

(73) [ɬ] *kriol* - [kri.ˈɔɫ] - ‘crioulo’

Esse trabalho encontrou um único segmento lateral, o [ɬ]. As autoras Costa (2014) e Chapouto (2014) defendem a existência de um segmento lateral, porém em suas literaturas há divergência na representação desse segmento. Enquanto a primeira defende o segmento [ɬ], a segunda advoga em prol do [l]. Essa pesquisa assemelha-se aos achados de Costa (2014) no que diz respeito ao fone lateral na posição de coda.

4.6. A CODA RAMIFICADA

A coda ramificada ocorre quando em uma única sílaba, após a posição vocálica há a realização de duas consoantes, seguindo os padrões silábicos VCC, CVCC e CCVCC. Essa pesquisa buscou realizações de coda ramificada e contou com o *corpus* de cinco palavras: *konstitucional* ‘constitucional’, *konstruson* ‘construção’, *instrumentu* ‘instrumento’, *obstakulu* ‘obstáculo’ e *substitui* ‘substituir’. Vejamos:

(74) [bs] *obstakulu* - [ɔbs.ˈta.ku.lu] - ‘obstáculo’

(75) [bs] *substitui* - [subs.ti.ˈtu.ir] - ‘substituir’

(76) [ns] *konstitucional* - [kons.ti.ˈtu.sjo.na ɬ] - ‘constitucional’

(77) [ns] *konstruson* - [kɔns.ˈtru.sɔŋ] - ‘construção’

(78) [ns] *instrumentu* - [ins.tru.ˈmen.tu] - ‘instrumento’

Não é comum encontrarmos discussões sobre a coda ramificada no guineense. Em Costa (2014), não há menção à coda ramificada nesta língua. Chapouto (2014) e Chapouto e Pereira (2019) mencionam a coda ramificada como algo raríssimo, só sendo encontrada em casos de inserção de palavras recentes na língua, como é o caso de *transfuson* ‘transusão’.

Sabemos que os neologismos são comuns em toda língua. Defendemos, portanto, a existência de coda ramificada no guineense. A defesa de inserção recente na língua parece superficial, afinal, quanto tempo um vocábulo estrangeiro demora para que seja considerado inerente a uma língua? É importante lembrar que quando

uma palavra entra numa língua, ela tende a atender às normas e regras fonológicas e morfológicas dessa língua, salve algumas exceções, como discutido por Bandeira (2013).

[...] há, em um número significativo, casos de adaptações que convergem em estratégias de reparo que carecem de um precedente no sistema nativo e, às vezes, podem mesmo contradizer reparos de L1, criando enigmas para os estudiosos. Um exemplo desse enigma pode ser visto na língua *hmong*, que possui um formato silábico restrito CV(V) e não apresenta alternâncias que envolvam apagamento ou epêntese em palavras nativas (GOLSTON & YANG, 2001). Tal característica muda no tocante aos empréstimos. Em palavras emprestadas, ocorre com frequência o apagamento segmental. Por exemplo, a palavra ['pe.si] é uma adaptação da palavra pepsi do inglês. (BANDEIRA, 2013, p. 55)

4.7 SÍNTESE

Após as discussões realizadas nas seções anteriores foi construído um quadro comparativo entre os resultados das autoras e os achados desta pesquisa.

Quadro 13: Comparativo entre as propostas

	Costa (2014)		Chapouto (2014)		Matos (2021)	
	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final
Oclusivas desvozeadas	-	-	-	[p] [t] [k]	[p] [t] [k]	[p] [t] [k]
Oclusivas Vozeadas	-	-	-	-	[d]	[b] [d] [g]
Fricativas desvozeadas	[s]	[s]	[s]	[s] [f]	[f] [s] [ʃ]	[f] [s]
Fricativas Vozeadas	-	-	-	-	[z]	-
Nasais	[m], [n] [ŋ]	[ŋ]	[m], [n] [ŋ]	[ŋ]	[m] [n] [ɲ] [ŋ]	[ŋ]
Róticos	[r] [r]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]
Laterais	[l]	[l]	[l]	[l]	[l]	[l]
Coda Ramificada	-	-	[ns]	-	[bs] [ns]	-

Fonte: elaborado pela autora

Analisando o quadro acima, é possível perceber que as maiores divergências entre a presente análise e as autoras ocorre entre os segmentos oclusivos. Costa (2014) não admite estes segmentos em coda medial ou final, Chapouto (2014) por sua vez admite o máximo de três segmentos possíveis. Esta alternância se dá porque a autora condiciona a existência dos fones [p], [t] e [k] a serem monossílabos adjuntos de

intensidade, dessa forma, de modo geral, não seriam admitidos esses segmentos em coda medial ou final.

Entre os segmentos fricativos, Costa (2014) admite apenas um segmento, Chapouto (2014) entre um a dois segmentos, pois da mesma forma que, entre os segmentos oclusivos, a autora condiciona a existência do segmento fricativo [f] a ser monossílabo adjunto de intensidade. Este estudo encontrou quatro segmentos fricativos possíveis entre a coda medial e final, ampliando a defesa das autoras.

No que diz respeito aos segmentos nasais, a única divergência foi a existência do segmento [ŋ] em coda medial, fato que Chapouto (2014) não menciona e Costa (2014) traz, mas não apresenta exemplos. Dessa forma, enquanto as autoras defendem a existência de apenas três segmentos nasais em coda medial e final, esta pesquisa encontrou quatro.

Em relação aos segmentos róticos, os achados se assemelham à defesa de Chapouto (2014), uma vez que o único segmento atestado foi o [r]. Embora nesta análise tenha havido uma realização, de um único participante, em um único vocábulo, que se assemelhava à realização do [r], não pudemos atestar este achado, necessitando de mais comprovações em sua defesa.

No que tange ao segmento lateral, nos aproximamos de Costa (2014), uma vez que a autora defende a existência do fone [ɬ] em detrimento ao [l] defendido por Chapouto (2014).

Por fim, a coda ramificada é apresentada por Chapouto (2014), mas não é defendida pela mesma. As autoras não mencionam a coda ramificada como possível no padrão silábico do guineense. Nosso estudo vai de encontro às autoras, apresentando possibilidades de tais realizações e ampliando os segmentos que ocupam a posição de coda fonética no guineense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o desígnio de apurar os fones consonânticos que podem ocupar a posição de coda no guineense moderno. Para isso, foram feitas buscas no dicionário de Scantamburlo (2002), e os dados foram posteriormente gravados com estudantes guineenses da UNILAB a fim de confirmar sua realização. Foi coletado um total de setenta vocábulos distribuídos em frases com o intuito de atestar a existência ou ausência dos fones no guineense.

Por conta do isolamento social imposto pela pandemia do novo Coronavírus, o perfil dos participantes desta análise passou por algumas adaptações. Inicialmente contaríamos com seis participantes recém-chegados ao Brasil e de ambos os sexos, porém em virtude do contexto pandêmico, quatro estudantes aceitaram participar das entrevistas, todos do sexo masculino e residentes no Brasil há cerca de três anos. Acreditamos, porém, que as adaptações não comprometeram na qualidade dos dados coletados e da pesquisa empreendida.

Sobre os segmentos estudados, a pesquisa apresentou resultados que ampliam as discussões de Chapouto (2014), Costa (2014) e Chapouto e Pereira (2019), principalmente no que tange às oclusivas. Neste grupo, encontramos seis segmentos além dos defendidos pelas autoras em coda medial: [p], [t], [k], [b], [d] e [g]. Além disso, os segmentos [p], [t], [k] e [d] foram encontrados em coda final independentemente de estarem em palavras monossílabas adjuntos de intensidade como defende Costa (2014).

Algumas palavras com fones oclusivos em coda aparentaram ser realizadas com o padrão diferente do esperado. Palavras com o padrão silábico CVC, como na palavra *uit* ‘adjunto de intensidade’ parecem ser realizadas com o padrão CVCV com a inserção do fone [i] ao final, como em *uiti*.

Em relação aos segmentos fricativos, nasais, róticos e laterais, a pesquisa apresentou poucas divergências em relação às defesas estudadas. Entre as fricativas, o diferencial foi a possibilidade dos fones [f] e [z] também em coda medial, sendo possíveis os segmentos [s], [ʃ], [f] e [z]. Em relação aos segmentos nasais, esta pesquisa corroborou com Costa (2014) e Chapouto (2014), havendo a possibilidade de [m], [n], [ɲ] e [ŋ]. Entre os róticos, os achados assemelham-se ao quadro de Chapouto (2014) ao defender a realização do segmento [r]. Já em relação ao segmento lateral, a pesquisa corroborou a representação de Costa (2014), com o segmento [l̥].

Finalizando as considerações a respeito das análises, a pesquisa trouxe a discussão sobre a coda ramificada, considerada por Chapouto (2014) como um caso excepcional, tratando-se de palavras inseridas recentemente no guineense. Discordamos dessa abordagem e entendemos

que os empréstimos são um fenômeno comum em todas as línguas naturais e que a partir das modificações fonológicas, morfológicas, sintáticas e/ou semânticas que essas palavras sofrem, elas já podem ser consideradas integrantes desta língua.

Com a realização dessa pesquisa, surgiram algumas inquietações que não puderam ser respondidas neste momento, seja por falta de dados, sendo necessária uma nova coleta mais controlada, ou pela não realização de uma análise acústica. Essas inquietações sugerem a continuidade dos estudos a respeito da coda e da sílaba fonética do guineense. Além disso, outro aspecto que precisa ser mais estudado é a sílaba fonológica do guineense, a fim de delimitar seu comportamento e o inventário de segmentos. Esses aspectos podem ser tema de estudos futuros, que contribuirão para a discussão do guineense, bem como para a área mais geral de contato linguístico.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Johannes. O crioulo da Guiné-Bissau. **Afro-A'sia**, Salvador, n. 19-20, p. 251-254, 1997.
- BANDEIRA, Manuele. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- CÁ, Virgínia José Baptista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. **Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. Dissertação (Mestrado em Linguística: Investigação e Ensino), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné - Bissau: um país da CPLP**. *Papia*, Brasília, n.20, p. 1-254, 2010.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- FREITAS, Shirley. **Contribuições linguísticas cabo-verdianas e sefardita na formação do papiamentu**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo 2016.
- HORA, Demerval da Hora. **Fonética e fonologia**. [20--]. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2017.
- HORA, Demerval da e MATZENAUER, Carmem Lúcia. **Fonologia Fonologias: uma introdução**. São Paulo. Contexto 2017.
- INTUMBO, Incanha. **Situação sociolinguística da Guiné-Bissau**. Disponível em: <http://didinho.org/SIT_LING_GB_Incanha.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- INE (Instituto Nacional de Estatística). **Recenseamento Geral da População e Habitação – Guiné Bissau: características socioculturais**. Guiné-Bissau, 2009. Disponível em: <http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf>. Acesso em: 08 out. 2019.

LOPES, Carlos. O Kaabu e os seus vizinhos: uma leitura espacial e histórica explicativa de conflitos. **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n. 32, p. 9-28, 2005.

PRATAS, Fernanda. **O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. **Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entonação do contorno neutro**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense, volume II – Dicionário guineense-português**. Bissau/ Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de livre consentimento livre e esclarecido

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Instituto de Humanidades e Letras (Campus dos Malês – BA)**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do(a) participante: _____
 País ou responsáveis (no caso de menor de 18 anos): _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____ Setor: _____ CEP: _____ Telefone: (____) _____
 BI: _____ Data nascimento: ____/____/____ Data da gravação: ____/____/____

Nome do Pesquisador Principal: Priscila Matos Costa

1. **Objetivo do estudo:** Discutir o sistema silábico do guineense moderno, buscando delimitar quais fonemas podem ocupar a posição de coda simples e coda ramificada.
2. **Justificativa:** A partir das respostas aos questionários, o presente estudo permitirá conhecer melhor o quadro silábico, especificamente a coda, que não é consensual entre os estudiosos. Além disso, ao realizar o estudo não tendo o português como modelo, será possível mostrar que o guineense é uma língua independente do português, com suas regras e padrões próprios.
3. **Procedimentos:** O pesquisador fará gravações com alunos da UNILAB oriundos da Guiné-Bissau na própria universidade. Assim sendo, os participantes não terão necessidade de se deslocar para participar da pesquisa. (Por conta da Pandemia COVID-19 as entrevistas serão feitas de formas virtuais).
4. **Riscos e desconfortos:** A pesquisa não acarretará nenhum risco imediato ou futuro (moral/físico) aos participantes.
5. **Benefícios:** A participação é voluntária e não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento sobre o sistema silábico do guineense.
6. **Direitos do participante:** Os participantes podem se retirar deste estudo a qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo e terem direito de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Para tanto, basta entrar em contato com o pesquisador responsável.
7. **Compensação financeira:** Não existirão despesas e/ou compensações financeiras relacionadas à participação no estudo.
8. **Incorporação ao banco de dados do pesquisador:** Os dados obtidos com a participação, na forma de questionários, serão armazenados pelo pesquisador, que zelará pelo uso e aplicabilidade das respostas exclusivamente para fins científicos.
9. **Confidencialidade:** Os resultados deste estudo poderão ser publicados em revistas científicas ou apresentados em congressos científicos, sem que a identidade dos participantes seja revelada.
10. **Dúvidas:** Em caso de dúvidas, os participantes podem entrar em contato com a pesquisadora responsável por esta pesquisa (Priscila Matos Costa) pelo e-mail priscila@aluno.unilab.edu.br.

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo e em fornecer as respostas aos questionários. Compreendo o tema e a justificativa do estudo, os procedimentos que serão adotados, os possíveis riscos e desconfortos, a relevância de minha participação para a pesquisa científica, os meus direitos e as garantias de confidencialidade. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Local: _____ Data: _____

Assinatura do sujeito participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – Formulário pessoal do entrevistado

APÊNDICE B – FORMULÁRIO PESSOAL DO ENTREVISTADO**Nome:**

Resposta: _____

Idade:

Resposta: _____

Região de onde vem da guiné:

Resposta: _____

Qual a sua primeira língua (Aquele que aprendeu em casa, falada pelas pessoas da sua família)?

Resposta: _____

Quais as outras línguas que você fala?

Resposta: _____

Você fala alguma língua étnica (por exemplo: balanta, mandinga, fula, manjaco, bijagó, mancanha, pepel, beafada, felupe ou outra)?

Resposta: _____

Quando você aprendeu português?

Resposta: _____

Onde você aprendeu português?

Resposta: _____

Tem alguma língua que você use mais?

Resposta: _____

Tem alguma língua que você entende, mas não fala? Qual?

Resposta: _____